

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

Alisson Alves

São Paulo
2018

Alisson Alves

DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof^a. Dra. Asa Fujino

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de biblioteca e documentação
Escola de comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alves, Alisson

Desenvolvimento de coleções de obras raras /
Alisson Aves. -- São Paulo: A. Alves, 2018.
76 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Departamento de Informação e Cultura / Escola de
Comunicações e Artes / universidade de São Paulo.
Orientadora: Asa Fujino
Bibliografia

1. Biblioteconomia. 2. Desenvolvimento de coleções. 3.
Obras raras. I. Fujino, Asa, oriente. II. Título.

CDD 21.ed. - 020

Alisson Alves

DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES DE OBRAS RARAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof^a. Dra. Asa Fujino

Aprovado em: 21 de Novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Asa Fujino

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marcelo dos Santos

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Prof^a. Dra. Adaci Aparecida Oliveira Rosa da Silva

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Quem me conhece sabe que se eu sou muito grato a tantas pessoas que ficaria difícil nomear todos, mas nesse momento tentarei ser o mais justo possível.

Eu agradeço a minha mãe, dona Rose, não foi fácil nem um pouco, mas ela conseguiu colocar dois filhos em uma das melhores universidades do país, e mesmo assim teve que enfrentar minha ingratidão por inúmeras vezes, mas uma coisa nunca faltou: o amor.

Agradeço meus irmãos pela competitividade que adquiri olhando pra eles, pessoas tão capazes e que me motivaram a tentar ser também.

Agradeço aos muitos amigos, especialmente ao mais próximo que tenho, Robson, você foi a pessoa que segurou firme esse jovem inconsequente, você me ajuda a ser melhor. Não posso deixar de citar alguns outros amigos que tiveram papel fundamental: Islana, Thaise e Beatriz a palavra de vocês sempre carregou tanta verdade que para o afago ou exortação eu sempre procurei.

Existem alguns outros amigos que não protagonizaram o desenvolvimento dessa pesquisa tão de perto, mas que não deixam de ser especiais e essenciais, me isento de citá-los um a um, mas vocês sabem quem são.

Dandan você me enganou para o bem, estou te esperando até hoje na biblioteconomia, te agradeço por isso certamente.

A graduação me colocou na caravana da coragem e eu prossegurei nela.

*“Aqui está a raiz da raiz
O broto do broto
De uma árvore chamada vida”
E. E. Cummings*

ALVES, Alisson. **Desenvolvimento de coleções de obras raras**. São Paulo, 2018. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

RESUMO

Pesquisa exploratória e descritiva com objetivo de desenvolver uma reflexão acerca das coleções de obras raras e dos critérios que devem ser considerados em políticas de desenvolvimento de coleções. Parte-se do pressuposto que as instituições que mantêm coleções de obras raras já possuem algum tipo de preocupação com o desenvolvimento do próprio acervo, mas não têm documento formal que inclua todas as medidas utilizadas no desenvolvimento da coleção. Apresenta definições e o conceito de obras raras no campo biblioteconômico, o perfil do profissional que lida com esse material, o valor das obras raras como patrimônio da humanidade e as medidas de desenvolvimento de coleções adotados pela academia atualmente. Através de pesquisa de campo, observou-se que a falta de disponibilização de informações sobre procedimentos de tratamento de obras raras e gestão de tais acervos, pode provocar a falta de diálogo entre instituições e discussões sobre o tema são fundamentais para o avanço da biblioteconomia.

Palavras-chave: Obras Raras, Desenvolvimento de coleções, biblioteca de acervos raros

ALVES, Alisson. **Desenvolvimento de coleções de obras raras**. São Paulo, 2018. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This is an exploratory and descriptive research whose objective is to reflect on collections of rare works and the standards that should be considered in collections development policies. It is expected that institutions that maintain collections of rare works already have some kind of concern for the development of the collection itself, even though they do not have any formal document that includes all these measures. We sought to verify the concept of rare works in the library field, which is the profile of the professional who deals with this material, the value of rare works as a patrimony of humanity and the collection development measures adopted by the academy today. Through field research, it was possible to consider that the lack of availability of methodologies for the treatment of rare works adopted may lead to a lack of dialogue between institutions and discussions of this fundamental theme for the advancement of librarianship.

Keywords: Rare Works, Collection Development, library of rare collections

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA DE PESQUISA	14
3 OBJETIVO.....	16
3.1 OBJETIVO GERAL	16
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	16
4 HIPÓTESE.....	17
5 JUSTIFICATIVA.....	18
6 METODOLOGIA	20
7 QUADRO TEÓRICO	21
7.1 CONCEITO DE OBRAS RARAS.....	21
7.2 O BIBLIOTECÁRIO E AS OBRAS RARAS.....	26
7.3 VALOR CULTURAL E SOCIAL DO LIVRO RARO	31
7.4 BIBLIOTECAS DE OBRAS RARAS: TIPOLOGIA.....	33
7.5 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	36
8 PESQUISA DE CAMPO	42
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	50
ANEXOS.....	54
ANEXO A - BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE	54
ANEXO B - BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN	57
ANEXO C - BIBLIOTECA DO IEB	61
ANEXO D - BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ	63
ANEXO E - BIBLIOTECA CENTRAL CESAR LATTES.....	67
ANEXO F - BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	72
ANEXO G - BIBLIOTECA NACIONAL	74

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as mudanças são frequentes, de forma cada vez mais célere, exigindo a constante inovação de todas as estruturas sociais, provocando conseqüentemente períodos transitórios que parecem ser inevitáveis.

A diversidade de mudanças é fruto da trindade: tecnologia, inovação e aprimoramento, os quais convergem para configurar uma sociedade pós-moderna em evolução, cujo produto mais competitivo é a informação, subsídio básico para sustentar a capacidade inovadora.

Esse panorama diversificado, instável e competitivo caracteriza a Sociedade da Informação, que surge e se aprimora no começo dos anos 2000. A Sociedade da Informação constitui um novo estágio evolucionário posterior à Revolução Industrial, tendo a informação como ancoradouro na busca pela inovação. Um dos pilares que favorece a consolidação dessas mudanças é o surgimento das novas tecnologias, que proporcionam novos métodos de trabalho nas diversas profissões e em todas as organizações da atualidade.

Nesse cenário de transformação, a biblioteca se insere como um organismo em crescimento, adequando-se às novas concepções e paradigmas, utilizando-se dos novos recursos informacionais a fim de cumprir sua missão: armazenar, organizar, tratar e disseminar a informação produzida pela humanidade ao longo dos tempos.

A Sociedade da Informação, por meio do avanço tecnológico vem proporcionando à Biblioteconomia uma nova organização do trabalho: além de propiciar novos métodos de aquisição e espaços de armazenamento da informação, possibilita aprimoramento de seus serviços viabilizando agilidade no acesso à informação sem considerar as limitações de tempo e de espaço.

Nesse contexto, inúmeros questionamentos surgem a respeito da postura do profissional bibliotecário e passa a exigir dos profissionais que lidam com a informação, incluindo-se os profissionais que formam as “três Marias”, sejam eles: os bibliotecários, museólogos e arquivistas (SMIT, 2000),

aperfeiçoamento de suas competências, adquirindo habilidades que vão além das tradicionais, tornando-se profissionais inovadores.

Nesse sentido, a biblioteca é repensada de acordo com novo paradigma, quanto à guarda e manutenção de informações pertinentes, que validam a eficiência informacional dos dispositivos de informação, e que define novos métodos e maneiras de gerir e desenvolver coleções e bibliotecas.

Na antiguidade, as bibliotecas como Alexandria estavam mais focadas na constituição de acervos, com grandes quantidades de obras para o armazenamento, visto que para aquela época a preocupação era com a reunião de obras, sem a preocupação com a qualidade das obras.

No entanto, o processo de desenvolvimento de coleções esteve sempre presente no decorrer da história do livro e da história das bibliotecas, começando na biblioteca de Alexandria até as bibliotecas digitais

“pois não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões inerentes a esse processo, como: o quê, o porquê, o para quê, o como e o para quem coleccionar” (WEITZEL, 2002).

Começando na Antiguidade e indo até a Idade Moderna, “a lógica praticada era a de se coleccionar praticamente tudo o que existia disponível, uma vez que a produção editorial estava ainda em seu estágio inicial” (WEITZEL, 2002, p.62). quando falamos desse período notamos que o que imperava era a ideia de acumular e armazenar coleções, algo que era completamente aceitável na Idade Média, sabendo do volume menor de obras se comparado com nosso tempo, que se dá após o advento da prensa.

Acontece que com a invenção da prensa no século XV pelo Alemão Johann Gutenberg, que revolucionou a reprodução dos livros do artesanal para o industrial e comercial, desencadeou-se um grande aumento de publicações editadas e reproduzidas e o conhecimento científico passou a ser divulgado de forma mais rápida.

Isso culminou em um fenômeno conhecido como a Explosão Bibliográfica, que surgiu com o crescimento das publicações científicas, com o desenvolvimento do processo de editoração e com os grandes avanços das tecnologias da comunicação e informação. Assim, tornou-se impossível

acumular todos os registros informacionais existentes, principalmente por questões físicas e financeiras, e passa a ser imprescindível a avaliação do que realmente é importante para integrar acervos e coleções. Nesse sentido, o desenvolvimento de coleções se torna mais presente no cotidiano dos gestores de acervos.

Com o passar dos anos, o desenvolvimento de coleções começou a ganhar força na área de biblioteconomia pelo mundo e, no Brasil, na década de 60 e 70 o processo de desenvolvimento de coleções começou a ser implantado com mais eficácia nos acervos das bibliotecas (VERGUEIRO, 1989), pois notou-se que com a implantação da política de desenvolvimento de coleções o acervo das bibliotecas iria se desenvolver de forma mais concisa, auxiliando o trabalho dos bibliotecários.

As atividades relacionadas ao desenvolvimento de coleções e acervos são parte de uma tarefa cotidiana e intrínseca à existência do próprio acervo, por isso muitas vezes o pensar sobre essa prática é deixado de lado por questão pragmática, fazendo parecer que tal processo não existe na biblioteca, quando na verdade refere-se à própria existência dessa.

Desenvolver uma coleção baseia-se na relação entre os conteúdos do acervo, a sua serventia aos usuários potenciais da biblioteca e a missão e objetivos da instituição mantenedora do acervo. Essa tarefa é fundamentada em critérios previstos na política de desenvolvimento da coleção e menos complexa se o fluxo informacional mundial não estivesse extremamente acelerado e se o conhecimento não se renovasse com tamanha frequência.

É a partir dessa perspectiva que a gestão de coleções passa a ser caracterizada como primordial para o cumprimento da missão da biblioteca, a fim de que esta não se torne obsoleta, e cumpra seu papel como espaço de pesquisa e de fomento ao conhecimento e cultura.

Se faz importante frisar que desenvolver coleções vai além de selecionar e adquirir obras. Atualmente a literatura define o processo de desenvolvimento de coleções considerando sua interdependência e caracterizando como cíclico e ininterrupto que é formado pelas etapas de: estudo da comunidade (perfil da comunidade), políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação (VERGUEIRO, 1989; EVANS, 2000). Assim, a seleção e aquisição

são as primeiras etapas ou fases que se caracterizam como um processo global de planejamento, e que necessita das demais etapas para completar-se.

Pede-se concluir que nos dias de hoje, a impossibilidade de manter armazenar tudo o que foi publicado pela humanidade em bibliotecas, transforma o processo de desenvolver coleções uma ótima estratégia de viabilização do espaço que atenda as necessidades dos diferentes tipos de usuário em relação às suas necessidades informacionais (WEITZEL, 2006).

O modelo desenvolvido por Vergueiro (1989) é utilizado pelos principais teóricos da área. Ele pontua que com a explosão bibliográfica:

[...] Está bem claro que nenhuma biblioteca pode ser auto-suficiente, dando-se ao luxo de suprir todas as necessidades de seus usuários com recursos próprios. Esta é uma ilusão da qual, por mais tentadora que seja, os bibliotecários devem procurar fugir. Na realidade, é uma aspiração humanamente impossível de concretizar. (VERGUEIRO, 1989. p. 13)

Assim, nenhuma biblioteca é ou deve ser capaz de adquirir tudo que era produzido no mundo, assim como intencionar ser guardião de todo conhecimento humano produzido e registrado.

Tradicionalmente, as bibliotecas são classificadas em suas categorias mais amplas e condicionadas a um modelo de desenvolvimento de coleções que facilita pensar a política de desenvolvimento do acervo, associada às características da instituição mantenedora, a exemplo das bibliotecas universitárias, públicas, escolares e especializadas, assim como as características do material mantido.

Sabemos que as bibliotecas podem assumir diferentes configurações, e que em uma política de desenvolvimento e gestão de acervos deve-se considerar as especificidades da missão da instituição e necessidades dos potenciais usuários, sabendo também que essas questões são particulares, se não singulares de cada biblioteca, torna-se impossível apresentar uma política de desenvolvimento de coleção que atenda todas as diferentes demandas que existem em cada dispositivo informacional na sociedade, tornando a política de desenvolvimento de coleção e o próprio desenvolvimento de coleção exclusivo da instituição que o desenvolve. Pode-se definir então que a política de

desenvolvimento de coleção é um processo elementarmente reflexivo, assim como aponta Vergueiro (1989).

Nesse sentido, como podemos propor uma política de desenvolvimento de coleções para acervos de obras raras?

O desenvolvimento de coleções desse tipo de material tem se colocado para o profissional de biblioteconomia como um grande desafio, também associado a isso os principais modelos de desenvolvimento de coleções não abordam profundamente esse tema, que carece de diretrizes básicas de aplicabilidade.

Esse trabalho vem ao encontro da necessidade de se discutir este tema no campo biblioteconômico, já que a raridade de livros também é uma questão da biblioteconomia (GALBRAITH e SMITH, 2012), e sua discussão se faz necessária em um cenário em que coleções de obras raras integram cada vez mais os diferentes tipos de bibliotecas.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Desenvolver coleções de obras raras é um desafio das diversas instituições que lidam com acervos do tipo ou semelhante. Ao buscar referencial bibliográfico sobre o tema encontramos uma gama de material bibliográfico sobre critérios para este tipo de acervo, assim como materiais que conceituam tanto o desenvolvimento de coleções em sua amplitude quanto as coleções de obras raras e os critérios que as tornam especiais, porém percebemos também a escassez de discussão específica sobre tais critérios, principalmente as de visões diferentes entre gestores/proprietários e bibliotecários.

Para além disto, não encontramos trabalhos que tratem o assunto de forma pragmática e de forma a auxiliar o profissional em suas atividades diárias. O atual modelo de desenvolvimento de coleções exclui a coleção de obras raras pois seu ciclo básico, defendido por Vergueiro (1989), não possui aplicabilidade em acervos especiais de forma geral, já que pontua que o desenvolvimento de coleções deve ser guiado pela tipificação de biblioteca. Tendo em vista que acervos especiais não constituem bibliotecas especializadas, a tipificação da biblioteca pode não oferecer respaldo suficiente para orientação nas diretrizes do desenvolvimento de coleções e a posterior constituição de uma política de desenvolvimento de coleções.

O fato de a literatura abordar o desenvolvimento de coleções sobre a perspectiva da tipificação da biblioteca em parâmetros que facilitam a definição da missão da biblioteca acaba por desconsiderar as peculiaridades de cada tipo de acervo, o que dificulta o pensar profissional que trata o acervo de obras raras. Além disso, nota-se a falta de um detalhamento sobre bibliotecas híbridas, que podem ser especializadas, mas estão em espaço universitário ou público e possuem acervos especiais.

O atual modelo adotado pela grande parte das bibliotecas mantenedoras de coleções de obras raras, pauta-se em diretrizes de preservação e memória, entretanto esses locais carecem de uma política efetivamente consolidada, o que é tido como fundamental para qualquer tipo de biblioteca segundo Vergueiro (1989).

A pesquisa se baseia na pergunta: quais critérios devem ser considerados em políticas de desenvolvimento de coleções de obras raras?

Parte-se do pressuposto que o profissional que trabalha com acervos desse tipo deva possuir respaldo teórico que lhe dê diretrizes para solucionar problemas comumente previstos em acervos diferenciados, dependendo esse processo de discussões entre gestores e instituições que lidam com esse material, assim como a discussão do que viria a ser obras raras.

A pesquisa aborda aspectos intrínsecos ao desenvolvimento de coleções e gestão de obras raras e busca fomentar o diálogo desse tema, e para tanto questiona também a disponibilidade de informações desse tipo nas homepages de entidades conhecidas pelo desenvolvimento de coleções especiais, já que a discussão e diálogo estão associados à disponibilidade de informação.

3 OBJETIVO

3.1 objetivo geral

A necessidade de desenvolver uma reflexão acerca das coleções de obras raras e dos critérios que devem ser considerados em políticas de desenvolvimento de coleções respalda o objetivo desta pesquisa. Para tanto, se faz necessário verificar a disponibilidade de informações institucionais daquelas instituições que possuem acervos de obras raras e especiais.

Além disso, o trabalho pontua a definição de obra rara, já que esse tipo de coleção protagoniza a pesquisa.

3.2 Objetivo específico

- a) Identificar em bibliotecas de obras raras e centros informacionais especializados, critérios que sustentam os processos de desenvolvimento de coleções
- b) Elencar as principais preocupações dos profissionais que atuam com este tipo de acervo em relação à manutenção e desenvolvimento do próprio acervo;
- c) Fazer levantamento da literatura que trata de obras raras e elencar as peculiaridades desse tipo de acervo.
- d) Refletir sobre a formação de política de desenvolvimento de coleções de obras raras, nas instituições selecionadas, com base nas informações encontradas, para alertar sobre a importância da disponibilidade deste tipo de informação.
- e) Refletir sobre as vantagens que os avanços tecnológicos podem proporcionar à gestão dos acervos de obras raras.

4 HIPÓTESE

Parte-se do pressuposto que as instituições que mantêm coleções de obras raras já possuem algum tipo de orientação para o desenvolvimento do próprio acervo, mas que não possuem nenhum tipo de documento formal que inclua critérios e diretrizes para o desenvolvimento da coleção.

Essa questão não está vinculada à existência de uma biblioteca de obras raras, mas pode, e certamente vai influenciar, a capacidade e potencial de desenvolvimento da biblioteca, assim como dificultará as tomadas de decisões diárias do profissional que gerencia esse tipo de acervo, afinal a ciência é o bem imaterial que fundamenta as atividades profissionais do cotidiano.

A falta de referências teóricas e estudos de caso ou relato de experiências sobre este tipo de acervo na área de desenvolvimento de coleções pode ser a justificativa para a não consolidação de políticas claras nesses ambientes informacionais, o que possibilita considerar que a falta de divulgação de dados institucionais e diretrizes de gestão de coleções raras dificulta o pensar do profissional desse segmento.

A preocupação com a preservação de acervos raros é inerente ao trabalho do profissional que lida com esse tipo de acervo, e a falta de reflexões sobre experiências anteriores dificulta a formação de profissionais para atuarem com este tipo de acervo que poderiam ajudar, inclusive, na preservação e memória do acervo e da biblioteca.

5 JUSTIFICATIVA

Os acervos de obras raras são parte importante do patrimônio histórico-cultural brasileiro e mundial. No entanto, seu potencial não é devidamente explorado, nem mesmo reconhecido. Esses acervos têm importância fundamental para pesquisas acadêmicas e históricas, por mais que existam novas fontes ou novos pensamentos, entender o processo histórico do pensamento e sua contribuição ao longo dos anos é fundamental, assim como é o acesso às fontes primárias, já que os acervos de obras raras são parte da história e da cultura da humanidade. No entanto, seu potencial não parece ser devidamente explorado ou reconhecido na literatura da Biblioteconomia, contrariamente à importância de tais acervos para os estudos e pesquisas na História.

Cabe ao bibliotecário gerir o promover o acervo da biblioteca e para tanto ele utiliza de diversos métodos e processos que garanta a preservação do material integrante do acervo, assim como a difusão do mesmo, processo este, conhecido com gestão de coleções, e sua prática é presente em toda biblioteca. No entanto, é necessário caracterizar melhor as especificidades de um processo de gestão de acervos de obras raras, o que exige definição de conceitos sobre obras raras de acordo com as bibliotecas para fundamentar orientação de práticas profissionais mais qualificadas na gestão deste tipo de acervo.

Dada a importância das obras raras como patrimônio da humanidade, a difusão desse material se faz necessária e cabe ao bibliotecário se inserir nesta discussão para contribuir com o seu pensar e suas ações de gestão, para que essas obras continuem contribuindo à evolução científica cultural e social no mundo.

No entanto, a aplicabilidade do desenvolvimento de coleções e um modelo pragmático sobre este tipo de acervo ainda não tem sido objeto de preocupação por esses profissionais, logo as discussões sobre o tema ganham importância, e garantem o paradoxo da disponibilização e conservação. Ao tentar solucionar tal paradoxo procuramos modelos práticos em instituições que já lidam com coleções especiais e raras, no entanto não encontramos informações oficiais e institucionalizadas e acreditamos que a disponibilização

de informações desse tipo pode e deverá fomentar o diálogo aberto e prático na área.

Portanto, disponibilizar acesso a esse material é de extrema prioridade para o desenvolvimento do conhecimento, assim como as informações pertinentes à metodologia de gestão desses acervos, porém percebe-se que as instituições que lidam com obras raras vivenciam impasse entre disponibilizar e preservar o acervo, logo o desenvolvimento de coleções deve ser repensado e desenhado de tal forma que não barre o acesso mas que permita conservação.

6 METODOLOGIA

A pesquisa foi composta de referencial teórico sobre coleção de obras raras, critérios de raridade e o desenvolvimento de acervos, discussão sobre conceitos e tratamento de obras raras e estudo dos procedimentos de desenvolvimento de acervos de obras raras adotados por algumas instituições, a fim de alcançar soluções pautadas em inovações tecnológicas e motivar a produção de pesquisa nessa área para que subsidiem ações de desenvolvimento, conservação, preservação e recuperação deste tipo de acervo. A pesquisa envolve também relatos de casos de gestão de coleções raras com base em dados e informações obtidas em sites institucionais e levantamento de estudo de caso relatados na literatura, para propiciar descrições sobre diretrizes que norteiam a gestão de acervos de obras raras nas instituições identificadas como detentoras de acervos de obras raras.

7 QUADRO TEÓRICO

7.1 Conceito de obras raras

A primeira pergunta a se fazer é tão óbvia quanto necessária: o que é uma obra rara ou especial? Primeiramente define-se obras especiais quando se refere ao exemplar, que mesmo a obra não sendo rara, possui uma característica única (como a assinatura ou dedicatória de uma personalidade). Segundo Nardino e Caregnato (2005, p. 383):

“[...] as coleções especiais são obras que se destacam de alguma maneira, por certas peculiaridades, independentemente da época em que foram criadas. Sendo assim, elas constituem uma boa fonte de pesquisa e conhecimento.”

Logo uma obra rara necessariamente é especial porque já possui sua singularidade, mas uma obra especial pode não ser rara, pois apenas aquele exemplar possui a característica de especialidade.

Existem ainda, obras consideradas especiais, que não devem ser registradas como raras. Estas, conforme o interesse da biblioteca, poderão merecer um tratamento diferenciado, formando uma coleção à parte, inclusive sendo armazenadas junto ao acervo raro (em geral melhor protegido), por exemplo, as representativas dentro da área de conhecimento, obras de e sobre a Instituição, obras oriundas da coleção particular de antigos professores, etc. (UFRGS, 2014)

Não existe uma definição concreta do que viria a ser uma obra rara, mas isso está basicamente ligado à singularidade da obra e seguindo alguns critério podemos atribuir potencial de raridade para os livros, tendo em mente que não se trata de uma definição física, mas também de análise social e local, pois uma obra rara no Brasil pode não ser tão rara em países europeus (ADAMS, 1940). Entretanto existem autores que se arriscam definir tal conceito:

[...] assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustrações). Consideram-se geralmente livros raros os incunábulo, as publicações anteriores a 1800, as primeiras edições de obras literárias, científicas e artísticas, as obras com encadernações. (FARIA e PERIÇÃO, 2008, p.469)

A definição tradicional de um livro raro é qualquer livro que tem um valor reforçado porque a demanda para o livro excede a oferta, geralmente por causa de sua importância, escassez, idade, condição, propriedades físicas e estéticas, associação ou assunto. Se não há demanda por um livro, ele provavelmente não se tornará um livro raro, mesmo que os outros fatores existam. O livro será de pouco ou nenhum valor, se ninguém quiser e essa definição pode mudar à medida que os interesses mudam (PINHEIRO, 1989).

Logo, uma obra rara é aquela que apresenta um valor histórico, cultural ou ainda de “mercado” que a torna “valiosa” ou diferente, destacando-a do material comum e de fácil localização. Segundo José Mindlin: “todo livro que se procura, e não consegue encontrar, é raro – essa poderia ser a mais fácil das definições”. (2008, p. 29)

É importante frisar que não há nenhuma definição que seja capaz de dar conta de todas as particularidades de classificação de obra rara. Dito de outra maneira, cada instituição (ou cada colecionador) tem critérios muito específicos, e por vezes subjetivos, de classificar a raridade de uma obra. Talvez a melhor forma de evidenciar as especificidades deste acervo seja a própria apresentação dos critérios de classificação de obras raras da maioria das instituições.

Entretanto, alguns critérios são essenciais para a definição de uma obra rara, sendo esses: a importância que a obra possui para o conhecimento, para a interpretação social ou para uma determinada área do saber, a escassez que determina o desequilíbrio de oferta e demanda e que pode ser um dos fatores principais ao definir se uma obra é rara ou não, idade ou impressão, condições do material, propriedades físicas e estéticas, as possíveis associações que a obra tem ou teve, e o assunto (sendo este um dos critérios menos associados à raridade de uma obra) (MORAES 2005).

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem a ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra. (MORAES, 2005, p. 64)

Ao verificar o critério de importância devemos responder a seguinte pergunta: o livro em questão é uma contribuição importante para o conhecimento humano? É um trabalho seminal? Além disso, as primeiras edições costumam atribuir muita importância para a obra mesmo não sendo possível determinar a primeira edição de obras mais antigas, nesse caso utiliza-se o critério de data. O critério importância também está associado ao valor de mercado da obra e mesmo se esse poderia ser facilmente substituído (MINDLIN, 2008).

A escassez é um fator decisivo, ainda mais quando acoplado a outros fatores (MINDLIN, 2008). Existem livros escassos que não são considerados obras raras, porque não há busca ou demanda por tal obra. Para determinar a escassez basta ter a informação do número de obras que foram impressas e se essas de alguma forma foram preservadas, quanto mais antigo é uma obra essa tende a ser mais escassa, por questões de limite da integridade física do material. Alguns livros são publicados como livros raros instantâneos. Geralmente são edições limitadas, possivelmente autografado pelo autor. Alguns desses eventualmente, tornar-se-ão livros raros. Qualquer livro impresso em uma quantidade inferior a 500 é potencialmente raro (GRACE, 1991).

A idade nem sempre é um fator crítico e determinante ao atribuir raridade às obras, entretanto qualquer livro publicado antes de 1900, especialmente nas américas, é potencialmente valioso. Por outro lado, há muitos livros raros que não tem mais de 20 anos de idade. Normalmente, esses livros possuem alta demanda por causa da combinação fatores de importância e escassez (MORAES, 2005).

A imprensa, que é a edição, o lugar e data de publicação, é muitas vezes um bom indicador do valor potencial de um livro (RODRIGUES, 2006). A impressão com tipos móveis começou no século 15 na Alemanha e se espalhou lentamente pelo mundo. A Impressão veio para as Américas com os colonos e espalhou-se por todos os países quando foi colonizada. A regra geral é: deve-se observar em que período o livro chegou naquele lugar e qual é a data de publicação daquele livro, isso vai dizer quando a obra se torna potencialmente valiosa. Por exemplo, um livro de 1810 da Bahia, todos os

outros fatores sendo iguais, seria muito provável esse livro ser mais valioso do que um livro de Londres de 1810. Ainda relacionado à imprensa, existem alguns editores especificamente que por si só já atribuem potencial raridade ao livro, se tratam de editores que editavam os próprios livros e publicaram diminuta tiragem, Derrydale Press e Merrymount Press são dois dos muitos exemplos (GRACE, 1991).

O critério de condição está ligado às condições físicas do material, qualquer dano ou deterioração que prejudique a aparência de um volume também diminui seu valor de mercado, mas não necessariamente utilidade ou valor informativo. Portanto, a condição irá qualificar uma obra apenas associado a outros fatores (PINHEIRO, 1989).

Certas propriedades físicas e estéticas de um livro podem adicionar ao seu valor potencial. Artesanal fino é o diferencial de algumas coleções. Livros com fotografias originais, chapas de cor ou muitas ilustrações são potencialmente valiosas (GRACE, 1991). Tais livros devem estar bem protegidos. Uma das propriedades físicas mais valiosas que o livro pode ter é uma pintura de vanguarda. Isto é uma imagem feita à mão na borda da página (em frente a espinha) de um livro fechado. Pinturas de ponta às vezes são difíceis de ver e esses detalhes podem garantir grande potencial para a obra, além disso o uso de materiais preciosos ou exóticos podem aumentar esse potencial, como o ouro, pele de animais entre outros (GRACE, 1991).

A associação de um livro é outro fator que pode aumentar consideravelmente o potencial de raridade, a associação está muito mais ligada ao conceito de memória, a memória que aquele material possui ou evidencia pode torná-lo raro. Um exemplo disso são as obras da coleção de um bibliófilo, por mais que nem todas possuam características de raridade, o fato de pertencer àquela coleção aumenta o potencial de raridade (RODRIGUES, 2006).

O assunto que a obra aborda dificilmente ampliará o potencial de raridade de alguma obra, mas pode contribuir em alguns casos, principalmente em casos de coleções que tratam apenas de um assunto e que precisam de todo o material possível daquele mesmo assunto, isso permeia o campo da subjetividade já que se houver procura e pouca oferta o potencial raridade aumentará.

Todos esses fatores citados acima estão inter-relacionados e todos contribuem para determinar a raridade de um livro. O que é um livro raro em uma pequena biblioteca pode não ser considerado raro em um grande repositório como a Biblioteca Nacional que, devido a limitações (como espaço ou recursos), é muito mais seletivo sobre o que considera um livro raro (PINHEIRO, 1989). Um livro raro de uma biblioteca pode ficar disponível nas prateleiras de circulação de outra biblioteca.

Esses critérios para definir a raridade de um livro são muito importantes, já que diferente de um museu em que para todo material é atribuído elevados níveis de cuidado e segurança, a biblioteca está sujeita a extraviar tal material com a circulação. Deve-se ter como regra que todo livro com potencialidade em ser raro deve ser tratado como tal até que se prove o contrário (MINDLIN, 2008).

Como já dito existem diferenças na definição de raridade ou potencial de raridade de livros, essa visão pode mudar segundo o interesse de quem classifica uma obra rara, isso ocorre pela diferença que um bibliófilo ou um bibliotecário dá para determinada obra potencialmente rara (SANT'ANA, 2001).

A raridade não está ligada apenas ao valor histórico, existem vários fatores que evidenciam a preciosidade de uma obra rara, geralmente identificada de forma mais clara por colecionadores e bibliófilos. São de característica que torna o tratamento dos livros raros diferenciado em relação aos colecionadores e bibliotecários, já que na biblioteca o valor de monetário de um livro é diminutamente levado em conta como critério para definição de raridade, diferente do que ocorre com os bibliófilos. De acordo com Sant'Ana (2001, p.5), "bibliotecas adquirem as coleções pelo seu valor de conjunto, ou seja, mais pela possibilidade de criar novas áreas de pesquisa do que pela importância de alguma obra em particular". Assim, a aquisição de obras com alto teor de raridade fica na maioria das vezes condicionada à sua relevância em relação ao campo temático das coleções.

A bibliofilia possui um parâmetro um pouco diferente de identificar e estabelecer as obras raras. O bibliófilo verifica características como: livros de primeira edição especialmente se for um clássico, livros que foram censurados em alguma época e que resistiram a censura e os livros com detalhes físicas

especiais. A esses critérios podemos associar a definição de raridade absoluta e relativa descrita por Carter:

A raridade absoluta – que é a propriedade não só de qualquer livro de edição muito pequena, mas daquele cujo total de exemplares sobreviventes é definitivamente conhecido e reduzido – raridade relativa, baseada no número dos que restaram e na associação deste quesito à frequência com que aparecem no mercado e são procurados pelos colecionadores. (CARTER, 1952, p.148-149)

Voltamos para aquele mesmo ponto da subjetividade da definição de obra rara, em que o bibliotecário se vê em alguns momentos de sua jornada por esse tema, no entanto percebemos que essa subjetividade possui uma limitação, balizas e critérios.

Sant’Ana esclarece que a ideia de raridade não tem definição precisa e clara:

Em termos bibliográficos, podem ser considerados valiosos os aspectos ligados ao livro enquanto objeto físico ou enquanto meio de transmitir informações e novas visões de mundo (tanto literárias como científicas). Desta forma, o livro seria um representante factual da história do conhecimento, ou seja, um documento verdadeiro do desenvolvimento cultural e social da humanidade. (SANT’ANA, 2001, p.2)

Uma das características que os bibliotecários mais consideram é a antiguidade bibliográfica, dentre as características mais perceptíveis, onde, na maioria das vezes, a obra rara acaba se tornando um objeto de guarda, sendo mantida e preservada ao longo dos anos em meio a uma coleção.

7.2 Os bibliotecários de obras raras

O bibliotecário carrega em sua ética profissional o dever de assegurar o acesso à informação e o fomento cultural, social e ao avanço da pesquisa, também por isso a guarda e manutenção de obras raras se torna uma de suas funções, tendo em vista que obras únicas carregam consigo formas únicas de enxergar o mundo e entender diversos fenômenos. Entretanto, o bibliotecário de obras raras possui atrelado aos seus deveres responsabilidades aquém daquilo previsto num curso de biblioteconomia (PINHEIRO, 1990).

A figura do bibliotecário de obras raras, se construiu diferenciando-o do colecionista, já que sempre lhe foi atribuído a motivação de custódia do livro raro para posterior acesso à obra, no caso à obra rara (CARTER, 1948). Nesse sentido, Carter (1948) diferencia o colecionador pela sua principal motivação que é deter livros com a preocupação relacionada aos aspectos físicos que esse pode possuir.

A relação do bibliotecário com o livro raro deve ser íntima, já que quando se falamos de obras raras nos referimos a uma atenção especial e muito cuidado, nesse sentido as bibliotecas têm o dever de estabelecer critérios diferenciados referentes o seu tratamento. A qualificação do profissional que lida com esse tipo de material é imprescindível e essa qualificação deve extrapolar o campo técnico de tratamento de livros.

O bibliotecário de obras raras somente pode fazer seu trabalho se for um competente bibliógrafo historiador (FEATHER, 1982)

Como dito anteriormente, no Brasil existe um déficit muito grande no ensino e formação do bibliotecário para a formação e tratamento de coleções especiais. Esse déficit se torna um grande problema quando o profissional procura nos métodos tradicionais uma forma de tratar as coleções de obras raras.

A deficitária formação do Bibliotecário brasileiro na área de história do livro, de disciplinas afins aos aspectos técnicos e estilísticos do livro (papel, tinta, impressão, ilustração, encadernação) e ao impacto do livro impresso no ocidente, como uma força econômica, social e cultural, ao longo da sua história, tem impedido o estabelecimento de políticas e procedimento efetivos no setor. (PINHEIRO, 1990, p. 46).

Entretanto, a bibliografia também sugere que o profissional com profundos conhecimentos nas áreas basilares biblioteconômicas, o prepara e ampara-o para as questões pragmáticas do seu dia a dia, quando esse tem por função o tratamento de obras raras, porém esses conhecimentos não bastariam se o profissional não estiver imbuído de humanidade no tratamento desse tipo de material, já que é uma tarefa árdua e que enriquece a sociedade que passará a ter acesso à essas informações.

Na verdade, o catalogador de obras raras deve estar totalmente familiarizado com a variedade de formas e níveis de catalogação e classificação, os méritos e limitações de cada uma dessas. Mas, ele deveria ser um homem dos livros antes e ser um catalogador, um humanista antes de ser técnico (ALDEN, 1965, p. 73)

Para desempenhar a função de tratamento de coleções obras raras e especiais, o bibliotecário precisa ter uma atenção especial e cuidado exponencialmente mais alto, o que implica a necessidade de profissionais capacitados, tecnicamente ou não.

Quando se analisa o que deve ser catalogado em um livro raro, a atenção não se limitará ao conteúdo do livro, já que seu suporte possui valor comunicacional cultural e social equivalente e muitas vezes superior ao próprio conteúdo (MINDLIN, 2008), o que requer uma análise bibliográfica detalhadamente minuciosa da obra.

Valeria Gauz evidencia a qualificação de um bibliotecário que lida com as obras raras.

1. Conhecimento de Bibliografia Descritiva, ou seja, saber como os cadernos de um livro artesanal são formados (até aproximadamente 1820 os livros ainda não eram fabricados de maneira industrial), a posição das linhas d'água e sua importância para a determinação do formato do livro, assinaturas, estilos de encadernação, etc.; 2. Conhecimento de obras de referência para fontes primárias; 3. Conhecimento da coleção; 4. Noções de preservação; 5. Domínio de línguas. (GAUZ, 2006)

Os cursos de biblioteconomia nas universidades não oferecem todas as qualificações que são necessárias e a formação dos bibliotecários na área de coleções raras e especiais é bastante deficiente aqui no Brasil, portanto deve ser completada e complementada por alguns cursos ou pós-graduações. Mesmo que seguindo a lógica oferecida por Alden (1965), não se pode afirmar que um bibliotecário sai da academia com domínio pleno das habilidades de catalogação e classificação, não o configurando como um profissional apto ao tratamento de materiais especiais antes de uma vasta experiência de atuação profissional em bibliotecas e dispositivos de informação.

Uma das vantagens de hoje é a tecnologia que as bibliotecas têm como aliadas, e essas não podem ser poupadas, principalmente como ferramenta de auxílio referente ao tratamento das obras raras, e que podem ser desde equipamentos para digitalização, como equipamentos para a preservação e segurança das obras, já que cuidado com o que é valioso é inerente à biblioteconomia de obras raras.

Portanto o bibliotecário deve ter características semelhantes e muito presentes de um colecionista de livros ou bibliófilo, que entenda a fundo a importância de sua coleção, mas deve divergir em objetivo, que deve ser aliado a um caráter mais social do que estes (PINHEIRO, 1990).

No Brasil, o setor de obras raras é relativamente desvalorizado em relação aos demais setores de uma biblioteca, desconsiderando que a biblioteca como instituição é desvalorizada no país. É comum ir ao setor de obras raras e encontrar um profissional recém formado como responsável pelo setor, que além de não possuir uma especialização no assunto não possui muita experiência no mercado de trabalho.

Em relação aos Estados Unidos o Brasil se encontra em déficit:

Nos EUA, pelo contrário, as vagas em departamentos de obras raras são sempre ocupadas por funcionários especializados. Basta analisar algumas chamadas de currículos para preenchimento de cargo do gênero, disponibilizadas na lista de discussões online Exlibris (desde 1991), formada majoritariamente por bibliotecários estadunidenses. Destes é frequentemente exigido que tenham mestrado, por vezes doutorado, que consigam ler latim e outra língua além do inglês e, claro, os salários são condignos às qualificações exigidas (REIFSCHNEIDER, 2008, p. 71)

Quando a esse tipo de coleção é atribuído profissionais de alto nível de conhecimento para a execução do desenvolvimento e processamento técnico, há uma contribuição na exaltação do setor e fomento para a pesquisa nessa área. Reifchneider (2007) também salienta o trabalho em conjunto com outras do saber e fundamentalmente com um profissional especializado em restauração de documentos.

As competências atribuídas ao bibliotecário de obras raras por muitas vezes se assemelham ao currículo acadêmico de um museólogo ou arquivista, já que um livro raro agrega características que o aproximam do objeto de

estudo da museologia e arquivologia, nesse sentido a especialização do bibliotecário ou o trabalho em conjunto com profissionais de áreas afins se faz necessária (REIFSCHNEIDER, 2008).

O livro raro pode então ser um objeto híbrido das “três marias”, onde sua importância como documento de memória do conhecimento ou como artefato supere o anseio de uma biblioteca de disponibilizar aquele item aos seus usuários, em detrimento da conservação do material.

A esse dilema de disponibilizar e conservar, muitos profissionais encontram na tecnologia sua solução. A digitalização tem se tornado uma grande ferramenta para disponibilizar o conteúdo temático de uma obra rara, sem que esta seja degradada pelo constante manuseio por parte do usuário.

Mesmo para digitalização do acervo de obra rara, o bibliotecário precisa obter conhecimento sobre o assunto a fim de estabelecer critérios e metodologias de processamento. A forma que esse conhecimento é requerido difere da atuação “tradicional” e esperada na profissão de bibliotecário.

Os bibliotecários não buscam apenas a citação bibliográfica, mas toda e qualquer informação sobre a obra, autor, o período da escrita, as motivações que provocaram o conteúdo. A busca deve ir se estendendo por enciclopédias, dicionários, livros sobre livros, até o bibliotecário pesquisador obter dados interessantes para destacar a obra em exposição e divulgação impressa. (SILVA, 1990, p. 123)

Talvez esse seja o aspecto de principal distinção do bibliotecário de obras raras. Para um responsável por uma coleção de livros raros, o acervo deve ser tratado como portador de obras de artes, em que todos os seus aspectos físicos e temáticos são importantes.

O tratamento adequado dos livros raros é uma tarefa extremamente minuciosa e importante, o livro raro é um patrimônio cultural e bibliográfico, que desenha a formação social da espécie humana e traça a história do conhecimento e do saber.

7.3 Valor cultural e social do livro raro

A história da humanidade dos tempos primitivos até a sociedade da informação está pautada na linguagem verbal, essa forma de se comunicar sustenta e perpetua a cultura e o saber humano durante o passar dos séculos. Diante tal fato, é imediata a percepção da importância do livro na manutenção do nosso patrimônio cultural, social e bibliográfico. Essa percepção se torna muito mais latente quando nos referimos às obras raras, pois essas possuem uma chance de “extinção” muito mais próxima.

O livro é um objeto de uso cotidiano que pode se tornar uma referência cultural, porque “o livro dá consistência à memória humana, ao patrimônio de ideias de uma cultura inteira” (BAEZ, 2006).

Os valores que são agregados ao livro na nossa história cultural acabam por caracterizá-lo como um bem cultural. Eles são bens culturais bibliográficos, de reconhecido valor para uma sociedade, e são designados como “patrimônio bibliográfico”, que constituem uma modalidade do patrimônio cultural (BAEZ, 2006).

A manutenção dos objetos portadores da memória é um direito de todos os cidadãos, nesse entendimento que, a importância da preservação do patrimônio torna-se essencial.

Esse patrimônio cultural, material e imaterial, configura-se como testemunho da herança de gerações passadas, dando origem e significado ao que se tem no presente, proporcionando aos seus descendentes uma identidade. O patrimônio cultural na paisagem, conta a história daquela comunidade, com os edifícios, pela forma que eles foram construídos, pelas praças, onde eventos importantes ocorreram e pelas igrejas, que mantinham um papel importante nos agrupamentos sociais. Para tanto, a relevância da preservação desses bens, estes que documentam e transmitem às gerações por vir, as referências de um tempo e de um espaço singular, que jamais serão revividos, mas revisitados, quando lhes atribuímos determinados valores.

A preservação é dever do Estado e direito da comunidade, de forma a manter viva a memória, como documento de fatos e valores culturais de seu povo.

Documentando, guardando e relatando fatos que ajudaram formar a história de uma cidade, se cumpre com dever de cidadania. Segundo Maia (2003) através da educação patrimonial o homem passa a integrar-se nesse entendimento, através de um processo em que ele entende o contexto em que está inserido, elevando sua autoestima e à consequente valorização de sua cultura.

Segundo Pacano (2005), a memória pode ser “voluntária” e “involuntária”, a primeira traz as lembranças do passado para o presente, construindo a história do espaço, já a segunda, memória involuntária, inconsciente, aquela que traz os costumes, sotaques, que variam de lugar para lugar, na vivência das pessoas, estruturando-se da memória que passa de geração para geração. A memória vem da percepção, esta que pode ser entendida muito além de sua simples interação do sistema nervoso com o ambiente, pois a percepção vem carregada de informações que estão nas lembranças dos indivíduos.

É como se a memória fosse o lado subjetivo do conhecimento do indivíduo sobre as coisas.

Pela memória não só o passado vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p.36).

No processo de construção da memória há uma ligação direta com o sentimento de identidade. Assim sendo, pode-se definir que a memória cultural atua preservando a herança simbólica institucionalizada, onde as pessoas recorrem para construir suas próprias identidades e para se afirmarem como parte de um grupo. Dessa forma, o patrimônio cultural de uma cidade, faz reluzir as vivências de um povo, contribuindo para preservação de uma sociedade.

As bibliotecas são consideradas lugares de memória (NORA, 1993). Contudo, a concepção de lugar de memória é mais abrangente, na medida que incorpora outras instituições culturais, edificações, paisagens e o espaço urbano (NORA, 1993).

O patrimônio bibliográfico, que é uma modalidade do patrimônio cultural, está diretamente ligado à memória da sociedade, tornando a biblioteca em si um lugar protagonista referente ao patrimônio cultural. Quando nos referimos a bibliotecas de obras raras essa concepção se torna muito mais presente, já que esse tipo de material permeia as disciplinas da museologia e no Brasil a Museologia é a disciplina que mais tem aproximado a temática “Patrimônio Cultural” do campo de estudo da Ciência da Informação (SOUZA; CRIPPA, 2009).

É crucial compreender que as coleções de livros raros são formadas tendo em vista a valorização cultural que essa possui, assim como a atribuição de valor histórico, estético e de conhecimento (BAEZ, 2006). O valor histórico remete a algo que já existiu e que deixou de existir, um registro do passado que ressalta o valor dos livros pela sua antiguidade e autenticidade, tanto como um objeto material quanto como uma fonte de informação e pesquisa, ou seja, suma materialidade e imaterialidade. O valor estético se relaciona à apreciação do livro como obra de arte que se coloca como um representante de um período artístico, principalmente quando esse item é constituído por métodos artesanais. São exemplos as encadernações de luxo, as ilustrações e as capas especiais pintadas a ouro. Por último, o valor de conhecimento ressalta a importância do livro antigo como um meio de comunicação e de propagação do saber de tempos passados (BAEZ, 2006).

Pinheiro (2009) destaca que a valorização do livro raro também inclui o valor de comercialização no mercado. Para a autora, o valor patrimonial é o valor atribuído à coleção para fins de tombamento de seguro e para negociação. Os valores associados ao patrimônio cultural são: valor cultural, histórico e valor de memória. Evidenciando a coleção de acervos raros como um patrimônio da humanidade a ser preservado e perpetuado.

7.4 Bibliotecas de obras raras: Tipologia

Uma biblioteca é um universo de possibilidades, basta olhar atentamente e um pouco de estudo para perceber que um acervo pode ultrapassar sua própria área de cobertura.

Isso ocorre justamente pela quantidade de documentos e material bibliográfico que surge a cada instante e obriga a biblioteca crescer e se desenvolver conforme as necessidades do usuário potencial daquele dispositivo de informação. Nesse sentido, a biblioteca se desdobra em tipificações que a ajudam a estabelecer critérios, missões e políticas de desenvolvimento para oferecer seu serviço da melhor forma possível.

Em relação aos objetivos, as bibliotecas são divididas em duas partes:

Bibliotecas de preservação: que guardam livros, manuscritos e outros documentos raros ou acessíveis apenas a especialistas;
Bibliotecas de circulação: abertas ao público em geral ou a um público específico e destinadas a consultas e a empréstimos de obras (FERRAZ, 1972).

Quanto ao tipo, podemos classificar as bibliotecas nas principais categorias:

Nacional: As Bibliotecas Nacionais são representativas dentro de seus países. São guardiãs do conhecimento e do patrimônio cultural de sua nação, como um repositório bibliográfico, zelando por obras raras, detentora do depósito legal e cuidando dos direitos autorais (VIEIRA, 2014). Hoje as bibliotecas nacionais fazem mais do que apenas zelar pelo patrimônio bibliográfico de seu país, elas também se preocupam com o acesso e a divulgação da informação (VIEIRA, 2014). Muitas bibliotecas nacionais disponibilizam suas obras raras digitalizadas, oferecendo acesso indiscriminado de seus documentos à população;

Universitária: são destinadas a atender as necessidades informacionais da comunidade acadêmica (CARVALHO, 1981). Elas prestam serviços com objetivo de fomentar o ensino a pesquisa e a extensão universitária, com um papel social e cultural fundamental para comunidade acadêmica, embora possam ser acessíveis ao público geral (FERREIRA, 1980).

Pública: surge no começo do século XIX, com o papel de oferecer educação para todos os segmentos da sociedade (PENNA, 1979). A partir de então surge como a instituição que atende as necessidades informacionais de toda a sociedade, do âmbito municipal estadual e federal, com um acervo desprendido de censura política e religiosa, a biblioteca pública tem como

dever assegurar o acesso a todo tipo de informação pública da comunidade local (IFLA/UNESCO, 1994)

Escolar: localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação (IFLA/UNESCO, 2002).

Especializada: o conceito de biblioteca especializada, conforme Silva e Freire (2012), vem da união entre usuário e acervo, ela é uma unidade de informação com acervo especializado destinado à satisfação das necessidades informacionais de um público específico.

Particulares: essas reúnem obras de interesse particular ou regional, tipificam o acervo de colecionistas e bibliófilos por exemplo.

Especiais: esse tipo de biblioteca é destinado a uma categoria de usuário, que podem ser deficientes (físicos, visuais), que estejam hospitalizados, ou privados de liberdade (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Deve-se se ater na diferença que existe entre a biblioteca especializada e a biblioteca especial, enquanto a primeira se define majoritariamente pela temática que aborda e oferece, a segunda está pautada no tipo de usuário que atende.

Comunitárias: criadas pela comunidade e para a comunidade, a biblioteca comunitária muitas vezes não possui vínculo com o Estado, surge de uma iniciativa popular e seu acervo é composto segundo as demandas da comunidade que a sustenta (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2016)

Virtual: essa classificação de biblioteca está pautada no tipo de acervo que a biblioteca oferece, sendo esse exclusivamente eletrônico/digital, seja em *e-Book* ou PDF. (VIEIRA, 2014). Esse tipo de biblioteca não possui localização física, e deve ser acessada via internet.

Podemos perceber que existem alguns fatores que nos ajudam a identificar e definir a tipificação das bibliotecas atuais. Esses fatores permeiam basicamente o serviço que a biblioteca oferece, a quem ela oferece e por qual motivo. Desta forma, notamos que o usuário é o eixo fundamental para a definição da missão de uma biblioteca e posteriormente a sua tipificação.

Portanto, identificar o usuário ou público potencial de uma biblioteca de obras raras se torna essencial para evidenciar a classificação desta. Entretanto sabe-se que a definição de uma obra rara ou especial perpassa diversos fatores, sendo alguns subjetivos daquela região ou área, torna-se impreciso o tipo de usuário que procurará esse material, sabendo que mesmo a raridade do material é imprecisa.

Nesse sentido, uma coleção de obras raras pode integrar diferentes tipos de bibliotecas, não necessariamente adotando uma tipificação própria, pois uma coleção de obras raras brasileira ou brasileira pode acarretar no surgimento de uma biblioteca especializada, por outro lado uma biblioteca universitária mantenedora de uma coleção rara da era colonial continuará a ser uma biblioteca universitária.

Podemos definir que o material raro, apenas, não pode tipificar uma biblioteca como um todo e, portanto, sua influência talvez seja reduzida na elaboração da política de desenvolvimento de coleções, que é pautada na missão da biblioteca, que por sua vez, também, baseia na tipologia da biblioteca.

7.5 Desenvolvimento de coleções

Por mais que o crescimento da literatura sobre desenvolvimento de coleções esteja com o ritmo mais acelerado, o desenvolvimento de coleções, especialmente em bibliotecas de obras raras, é um tema pouco explorado no Brasil, um reflexo disso é a carência de discussão sobre a prática profissional no tema.

Entretanto, esse tema se mostra cada dia mais importante diante o cenário atual onde os recursos financeiros estão cada dia mais limitados e sucateiam os centros informacionais e a demanda informacional se torna cada vez mais exigente quanto à especificidade e pertinência dos assuntos. Esta constatação pauta-se na afirmação de que o desenvolvimento de coleções permite a melhor utilização dos recursos materiais, físicos e financeiros da biblioteca, além de permitir a satisfação informacional do usuário e de sua pesquisa.

Em nível internacional o estudo de desenvolvimento de coleções cresce a partir da década de 70, atrelado ao grande aumento da literatura e a consequente necessidade de novos espaços físicos e de tratamento do material (VERGUEIRO, 1989).

Sabe-se que o processo de desenvolver coleções sempre esteve presente na história das bibliotecas, já que a existência dessa está sujeita a avaliações e de seleção de material que a compõe e atendem um tipo específico ou não de usuário. (WEITZEL, 2002 apud WEITZEL, 2012).

É claro que o desenvolvimento de coleções torna-se um aliado dos profissionais da biblioteconomia já que na sociedade da informação a quantidade de material publicado supera a capacidade de tratamento humano, nesse sentido o desenvolvimento de coleções constitui ferramenta viabilizadora, que permite suprir a necessidade informacional cultural e os espaços sociais (WEITZEL, 2006 apud WEITZEL, 2012).

O desenvolvimento de coleções é definido de diversas formas, dentre elas Figueiredo (1985) aponta que este processo é a “função de planejamento global da coleção”. Magrill e Hickey (1984) apontam que de forma geral, o desenvolvimento de coleções inclui verificar necessidades de usuários, avaliar a coleção presente, determinar a política de seleção, coordenar a seleção de itens, destacar e armazenar partes da coleção, e planejar para a divisão de recursos financeiros. Entretanto, mesmo de forma geral, desenvolvimento de coleções não é uma única atividade em particular, ou um grupo de atividades, é um processo de planejamento de tomada de decisão.

É importante ressaltar a necessidade de a atividade de desenvolver coleções estar em concordância com os objetivos da instituição a que está vinculada a biblioteca, procurando atender os usuários reais e potenciais (EVANS 2000). Esta preocupação com o atendimento das necessidades de toda a comunidade a que é destinada a biblioteca, é apresentada também por outros autores.

Evans (2000) define o desenvolvimento de coleções como um processo de identificar os pontos fortes e fracos de uma coleção de materiais de biblioteca em termos de necessidades de usuários e recursos da comunidade e tentar corrigir deficiência existentes, se existirem. Isto requer o constante

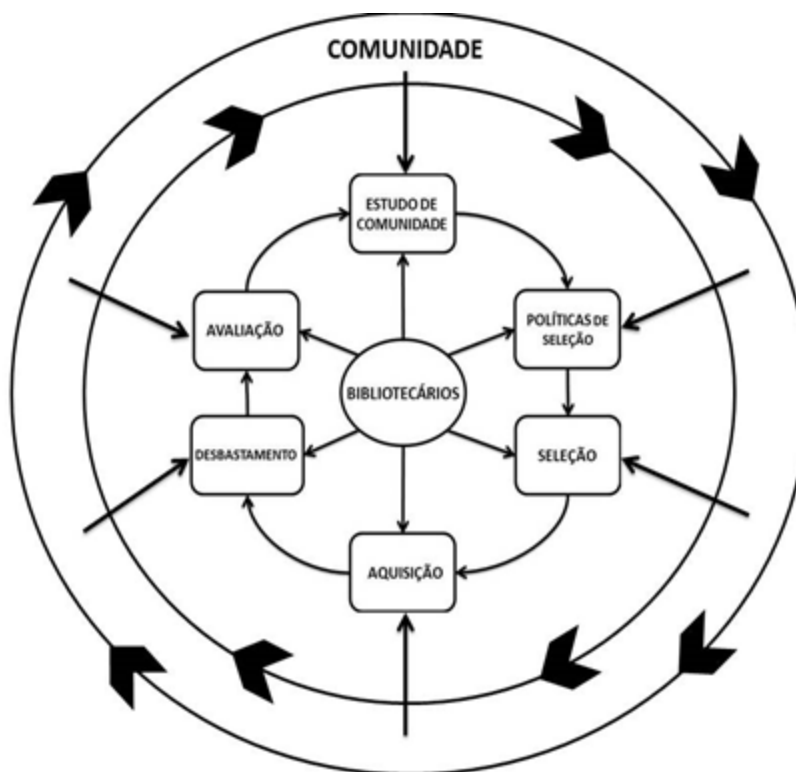
exame e avaliação dos recursos da biblioteca e o constante estudo de ambos: necessidades de usuários e mudanças na comunidade a ser servida.

Na questão de análise de comunidade, Evans (2000) propõe três leis: o tamanho da comunidade de usuários cresce proporcionalmente ao grau de diversidade na necessidades de usuários por materiais; O grau de divergência nas necessidades de usuários cresce de acordo com a necessidade por programas cooperativos de empréstimo de materiais; A biblioteca nunca será capaz de satisfazer completamente todas as necessidades de materiais de qualquer faixa isolada de usuários em sua comunidade. Evans se mostra o autor a nível internacional que trata esse assunto de forma mais aprofundada, e por isso é agregado valor à sua produção, mesmo diante das atuais contribuições da academia perante o assunto, o autor apresenta um modelo de processo de desenvolvimento de coleções que é utilizado como base nos padrões nacionais e respalda a produção de um dos principais autores brasileiros sobre este assunto, Waldomiro Vergueiro.

Vergueiro (1989) aponta que o desenvolvimento de coleções é constituído de etapas processuais, ou seja, vai além de selecionar e adquirir obras e cada uma delas possui o mesmo nível de importância. Elas são cíclicas e independentes.

São seis etapas que compõem este processo: estudo da comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, avaliação, desbastamento/descarte.

Figura 1: Modelo do desenvolvimento de coleções



Fonte: EVANS, 1979 apud VERQUEIRO, 1989

É muito comum encontrar nas unidades informacionais parte desse processo em desenvolvimento de forma natural, considerando que algumas fases são essenciais para a existência do próprio acervo, como a aquisição. É impossível então atribuir um início ao desenvolvimento de coleções, já que este começa de forma intrínseca ao próprio acervo.

Mesmo que algumas etapas existam antes até do planejamento, não podemos considerar que há de fato um desenvolvimento de coleção, tendo em vista que esse processo é muito mais reflexivo do que processual, e que, como já dito, possui fases independentes e de mesmo grau em juízo de valor.

Partindo do pressuposto que desenvolver uma coleção é uma tarefa majoritariamente reflexiva, é essencial que se produza algum tipo de documento que contenha todas as reflexões, a fim de que o estabelecimento de regras seja garantido tendo em vista a maleabilidade do meio tácito. É de costume que seja genericamente titulado de políticas para o desenvolvimento de coleções, que detalhará quem será atendido, quais os parâmetros gerais da mesma e com que critérios ela se desenvolverá (VERGUEIRO, 1989 p. 25). A política também tem como objetivo servir de guia para a alocação de recursos,

estabelecer relacionamentos entre a instituição, a coleção e seus usuários e funciona como diretriz para a tomada de decisões.

Trata-se de deixar clara a filosofia a nortear o trabalho bibliotecário no que diz respeito à coleção. Mais exatamente, trata-se de tornar público, expressamente, o relacionamento entre o desenvolvimento da coleção e os objetivos da instituição a que a coleção deve servir, tanto por causa da necessidade de um guia prático na seleção diária de itens, como devido ao fato de ser tal documento uma peça-chave para o planejamento em larga escala (VERGUEIRO, 1989, p. 25).

Para elaborar uma política de desenvolvimento de coleções é necessário levantar previamente alguns dados, tais como: estado atual do acervo, a identificação da comunidade atendida, e os recursos informacionais que a comunidade tem disponível que não os da própria coleção. Em relação às indicações que a política deve sugerir, é fundamental que estejam elencadas as seguintes: que material fará parte do acervo, quando e sob quais condições esse material fará parte do acervo, as necessidades específicas e qual parcela da comunidade será atendida, por fim, as condições que submetem o material ao descarte/desbastamento. Deve-se também, até a finalização da política de desenvolvimento, definir as responsabilidades das tomadas de decisões. (VERGUEIRO, 1989).

Por mais normativo que esse documento possa ser, é fundamental que ele possua objetividade, e seja adequadamente flexível, para que possa acompanhar as mudanças de contextos que poderão ocorrer ao longo do tempo.

É conceituado de forma clara que a política de desenvolvimento de coleções é a exposição escrita de um plano, oferecendo detalhes para a orientação do *staff* bibliotecário. Assim, uma declaração de política é um documento representando um plano de ação e informação, que é usado para guiar a reflexão e tomada de decisão do *staff*, especificamente, a política é consultada para decidir em que áreas de assunto comprar e quanta ênfase cada área deve receber (EVANS, 2000).

Vergueiro acrescenta sobre a dificuldade que os bibliotecários apresentam para o planejamento, poucos profissionais conseguem elaborar

uma política de de coleções, “a maior parte dos bibliotecários conseguem chegar, quando muito, a uma carta de aquisição ou uma política de seleção” (VERGUEIRO, 1989). Assim, o desenvolvimento de coleções é pautado em uma política que o auxiliará e dará formalidade ao sistema.

Vergueiro (1989) continua enfatizando que uma política de desenvolvimento de coleções deve ser intrínseca à missão da instituição e, portanto, tem relação com o tipo de biblioteca. Ao entrar no capítulo de aquisição o autor deixa claro que a tipologia da biblioteca influenciará no processo de desenvolvimento das coleções de uma biblioteca. Nesse momento, Vergueiro (1989) diferencia o processo de aquisição para as bibliotecas segundo o tipo de público que atende e a missão que essa possui, diferenciando alguns procedimentos pertinentes a cada qual.

Como vimos anteriormente, o conceito de raridade não sustenta unicidade e por isso não oferece assertividade para a definição de uma única modalidade de tratamento a esse tipo de acervo. Além disso, a tipologia da biblioteca não pode ser sustentada apenas pelas características materiais e imateriais do acervo, dependendo ela dos objetivos da instituição do fiador do acervo, assim como do público potencial. Portanto, uma coleção de obras raras por si só não bastaria para a constituição de uma política de desenvolvimento, e nesse sentido se faz necessária a discussão do desenvolvimento da coleção de obras raras dentro da instituição que a mantém.

Dessa forma, precisamos entender se as informações dessas coleções se encontram disponíveis nos sites institucionais das bibliotecas, que detém a posse e a responsabilidade desses tipos de acervos, partindo do entendimento que a discussão se fomenta com informação.

8 PESQUISA DE CAMPO

Como pudemos perceber, a definição de uma coleção rara não é suficiente para balizar toda a política de desenvolvimento de coleção de uma biblioteca, cabe então discutir como o acervo raro é tratado dentro da política de desenvolvimento de bibliotecas que possuem esse tipo de acervo.

Para que essa discussão seja feita é preciso que as informações pertinentes ao assunto estejam disponíveis, para que desta forma bibliotecários e interessados possam basear seus diálogos sobre o tema.

Nessa pesquisa de campo, podemos conferir as informações disponibilizadas por 7 instituições reconhecidas como mantenedoras de acervos raros, a fim de que possamos questionar se essas informações institucionais fomentam ou não, o diálogo entre essas próprias instituições, visando o avanço científico e pragmático do desenvolvimento de políticas de coleções inclusivas no que tange o acervo raro. Para tanto, visitamos a *Homepage* das bibliotecas escolhidas, e retiramos as informações pertinentes ao acervo raro mantido por elas.

As bibliotecas escolhidas foram: Biblioteca Mário de Andrade (BMA), Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (biblioteca do IEB), Biblioteca Central do Gragoatá (BCG), Biblioteca Central Cesar Lattes (BCCL), Bibliotecas da Universidade Caxias do Sul (biblioteca da UCS), Biblioteca Nacional (BN). As informações recolhidas nas *homepages* seguem nos apêndices A, B, C, D, E, F e G respectivamente.

A BMA possui tradição no tratamento de obras raras, vide Anexo A, pois seu setor de raridades foi dirigido por um dos maiores bibliotecários e bibliófilos do Brasil, Rubens Borba de Moraes. Na descrição de sua coleção encontramos a origem de seu acervo, que foi doado e comprado de pesquisadores e bibliófilos além de incorporações de acervos de outras bibliotecas. Em seguida, é quantificado e qualificado segundo os formatos documentais existentes e as temáticas predominantes do acervo que refere-se basicamente ao Brasil. Também encontramos descrições sob o ponto de vista do historiador, que remetem ao contexto histórico da constituição das obras e coleções que a BMA possui. Em relação a processamento técnico cita que este é feito *Online* e que parte do acervo foi digitalizado. Também evidencia o acesso que se mostra um

pouco burocrático, porém possível através de agendamento e respeitando a lotação da sala de consulta. Não é abordado sob o ponto de vista biblioteconômico nenhum assunto de forma mais profunda ou detalhada, excluindo referências à conservação e segurança do acervo.

No site da BBM, vide Anexo B, verificamos inicialmente uma hierarquização da instituição como parte integrante da Universidade de São Paulo (USP), em seguida aborda a formação do acervo fruto da doação da família Mindlin, adjetivando essa doação como extrema generosidade para a nação, ainda é dito que o acervo é um dos maiores e mais expressivos da área brasileira e brasiliense, neste momento o acervo é quantificado. Segue relacionando a BBM com o IEB que possui linhas de pesquisas em comum, então abre um tópico para a biografia de Guita e José Mindlin focando na formação do acervo ao longo da vida deles e relacionando-os a Rubens Borba de Moraes que doou parte do acervo pessoal para Mindlin. Após isso; qualifica os temas que o acervo aborda assim como o tipo documental e formatos que a biblioteca possui. É descrita a missão da BBM e os seus potenciais usuários, estabelecendo quatro áreas do saber que lhe são predominantes e fomentados: 1) Estudos Brasileiros; 2) História do Livro e da Leitura; 3) Tecnologia do Conhecimento e Humanidades Digitais; e 4) Preservação, conservação e restauração do livro e do papel. A partir daí trata da arquitetura do prédio, categorizando-o como sustentável e elenca seus financiadores. Oferece consultas ao acervo por agendamento, e orienta a leitura de um manual de manuseio destinado ao usuário visando a integridade de suas obras. Apesar de não comentar o processo de digitalização das obras, a *homepage* oferece acesso ao catálogo de consulta e a obras digitalizadas de forma simples e instantânea. Em relação ao campo biblioteconômico não é apresentado nada explicitamente.

A Biblioteca do IEB começa por outro ângulo, vide Anexo C, ela começa qualificando e quantificando a biblioteca e o acervo para então descrever a origem do mesmo, acervo originalmente comprado do historiador paulista Yan de Almeida Prado, em seguida nos é informado a forma que o acervo cresce e como é feita novas aquisições, sejam por compra ou por doação. É diferenciado o tipo de documento e material que a biblioteca possui indicando quais os séculos que o acervo cobre. Até então inédito na *Homepage* podemos

verificar uma preocupação da biblioteca com a memória de todas as incorporações feitas, se comprometendo a manter o nome do acervo assim como o de seu doador intactos. Por fim é indicada a forma de acesso do acervo, por catálogos online, obras digitalizadas, consulta agendada e visitas técnicas enfatizando a não circulação do acervo ou o livre acesso por questões de peculiaridade do acervo, entretanto não é indicada a forma de processamento e desenvolvimento da coleção, nem as questões de segurança e conservação.

A *homepage* da BCG, vide Anexo D, apresenta uma diferenciação entre a sua coleção geral, periódicos, coleções raras e especiais, e conteúdos eletrônicos e se identifica como parte da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em relação às suas coleções de obras raras e especiais indica os séculos cobertos por ela e separa-os em duas variações seguindo o seu caráter: Temático ou Particular, entretanto não é indicada de forma mais clara a diferenciação dessas duas variações. O texto segue descrevendo o espaço físico da biblioteca, indicando que existe uma sala reservada às coleções raras, e outra destinada a pequenos reparos e conservação do acervo. As informações disponibilizadas não mencionam de forma detalhada as coleções especiais, e não estabelecem a forma de acesso e tratamento desse tipo de acervo.

A BCCL apresenta em sua *homepage*, vide Anexo E, a contextualização da instituição e se apresenta como integrante do sistema de bibliotecas da Universidade de Campinas (UNICAMP), dada a contextualização nos deparamos com a missão da biblioteca e o seu público potencial que é apresentado como estudantes da própria universidade e pesquisadores diversos, ao finalizar a descrição de seu público potencial a BCCL indica quais tipos de serviço oferece à essa comunidade. A *homepage* abre tópico para a coleção de obras raras onde define o intervalo de séculos que o acervo cobre e o principal tema abordado pela coleção, no caso brasileira. Após isso, quantifica os materiais que a biblioteca possui por século, em uma tabela, na coluna ao lado da quantificação faz um levantamento dos temas que o acervo cobre século a século também. Em seguida, é apresentado um quadro que indica os critérios de raridade para materiais impressos que a BCCL utiliza na determinação de raridade de seus materiais, numa segunda coluna desse

mesmo quadro verificamos os materiais que estão incluídos na coleção da BCCL e que obedecem o padrão de raridade apresentado. Podemos conferir a partir daqui informações que dizem respeito ao processamento técnico que a biblioteca utiliza, que indicam a forma que a BCCL realiza seu inventário a pesquisa de raridade e a catalogação desses materiais especiais e/ou raros. Apesar de possuir uma das *homepages* mais completas, a BCCL não apresenta a forma que esse material pode ser acessado ou projetos que visam o mesmo, mas se coloca como uma ótima referência para profissionais que buscam formas práticas de desenvolver suas coleções raras.

A biblioteca da UCS apresenta em sua *homepage*, vide Anexo F, a sua relação com a UCS e o seu tamanho físico, após isso setoriza as demandas de serviço para as bibliotecas que constituem o sistema de bibliotecas da UCS. Ao descrever o acervo de obras raras verificamos que esse acervo é dividido em 14 coleções que estão espalhadas pelas bibliotecas que fazem parte do sistema de bibliotecas da UCS. As primeiras informações que temos das coleções de obras raras é a quantificação de seus títulos e volumes, assim como a tipificação do material que a biblioteca trata: livros, folhetos, teses, publicações periódicas, manuscritos e exemplares raros. Ao descrever as coleções, detalha de que forma essa coleção foi adquirida, temas que ela cobre, curiosidades e o tipo de documento que a coleção possui. Interessante a forma de setorizar o acervo de obras raras a fim de individualizar a processamento adequado de cada um. Entretanto, as informações pertinentes à forma de tratamento do acervo, preservação e segurança do mesmo não se encontram acessíveis, assim como o projeto de disponibilização e acesso às coleções.

A BN é reconhecida como o polo de tratamento de obras raras no Brasil, em sua *homepage*, vide Anexo G, podemos verificar a descrição de seu acervo e a quantificação dele, o que mais nos chama a atenção na sua participação no desenvolvimento de práticas na elaboração da política de desenvolvimento de coleções é o Encontro Nacional de Acervos Raros (ENAR), sediado pela própria BN anualmente onde se discutem questões sobre o tratamento adequado e o estudo de caso de diversos acervos raros do país. Em sua *homepage* podemos encontrar todos os arquivos que foram disponibilizados nas apresentações do ENAR, assim como os artigos submetidos ao evento

publicado nos anais da BN. Além dessa peculiaridade, a Biblioteca Nacional também desenvolve um Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR). O programa tem como objetivos identificar obras raras existentes nas bibliotecas de outras instituições culturais, públicas ou privadas, orientar quanto à organização desses acervos, bem como divulgá-los, uma iniciativa de fomentar a discussão de como aderir os acervos de obras raras à política de desenvolvimento de coleções de uma biblioteca. Mesmo sendo uma instituição de grande renome no tratamento de coleções raras, a BN não disponibiliza em sua *homepage* informações sobre a forma de tratamento de suas coleções ou os procedimentos que adotaram para tal bem, como as informações de acesso e disponibilização.

Podemos verificar que em todas as páginas consultadas não encontramos informações claras sobre o tratamento das coleções raras que utilizam. Embora saibamos que as informações disponibilizadas em suas *homepages* são destinadas aos usuários e não aos bibliotecários, mas tendo em vista essa área tão peculiar e singular a cada instituição acreditamos ser possível discutir a necessidade da disponibilização desse tipo de informação. Desta forma, tanto o mantenedor estaria pressionado a desenvolver um documento que aborde essas medidas práticas quanto a comunidade de bibliotecários e interessados dessa área poderiam realizar comparações para o avanço da consolidação de um manual prático no tratamento de coleções raras e sua inclusão na política de desenvolvimento de coleções das bibliotecas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema dessa pesquisa surgiu durante meu estágio, que durou pouco menos de dois anos, na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Ao ter contato com obras tão singulares e elevado valor cultural e social e ao mesmo tempo, por enfrentar muitos problemas no que diz respeito ao tratamento e manutenção dessas obras considerei importante entender mais sobre o assunto e fomentar esse diálogo de alguma forma na academia.

O paradigma do acesso à informação em contraponto ao da manutenção da segurança de itens singulares e de valor inestimado é o primeiro problema que surge quando lidamos com esse tipo de acervo, que pode ser superado com algumas medidas burocráticas ou arquitetura predial, mas quando sanados esses problemas nos deparamos com problemas que parecem ser muito maiores, afinal se mesmo bibliotecas que não possuem coleções raras em seu acervo possuem dificuldade na elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções, o que dirá quando se tem que incluir nessas políticas coleções de obras raras que possuem tantos outros “poréns”.

Como pudemos notar no decorrer dessa pesquisa, o primeiro impasse ocorre quando temos que determinar quais itens da coleção são realmente raros, essa determinação por muitas vezes é subjetiva, tendo em vista que acervos raros compõem coleções especiais e nem sempre uma coleção especial é formada apenas por itens raros. Podemos verificar que algumas das bibliotecas possuem coleções de memória que não apresentam nenhum indicativo de raridade, mas são tratadas como especiais por lidarem com a memória de algum personagem célebre. Essas nuances acabam por subjetivar coleções raras e especiais que podem tornar esse primeiro passo que parece ser simples em algo realmente trabalhoso e difícil. Nuances essas que podem tomar mais tempo e recursos da instituição mantenedora.

Dada a seriedade e meticulosidade desse tipo de trabalho, deve-se discutir qual o profissional adequado para o tratamento desses materiais, se o bibliotecário é responsável pelo tratamento técnico da informação, qual tipo de habilidades seriam necessárias para a realização de tal feito e quais parcerias estratégicas seriam precisas para a consolidação desse trabalho minucioso. O bibliotecário que se entrega a essa área é descrito como um amante dos livros,

quase como um bibliófilo/bibliotecário ao mesmo tempo, é como pedir que o grande Rubens Borba de Moraes reencarnasse.

E é aí que surge uma questão, porque esse tipo de obra merece um perfil exato de tratamento? As coleções de obras raras são tão importantes assim? Se traçarmos a história da humanidade, ela está pautada no avanço pelo acúmulo de informação e conhecimento, tal acúmulo se deu substancialmente pelo advento da comunicação verbal que pode ser armazenada e consultada, guardar obras únicas ou escassas, obras raras em geral, é reafirmar esse patrimônio cultural e social que temos e que não podemos perder para que possamos continuar progredindo como espécie e sociedade, sendo essa última legitimada pela memória.

A memória legítima de um povo e uma nação, cidades e tribos é importante ser tratada e preservada porque ela nos permite compreender de onde viemos e a quem pertencemos, nossa idealização política e social nada mais é do que a memória que nos conduz ao passado nas ações do presente, a quantidade de memória que uma coleção de obras raras carrega consigo é inimaginável e a partir de então já não se torna mais tão duvidosa a importância que devemos a esse tipo de coleção.

Traçada sua importância cabe ao bibliotecário o dever de manter íntegra a memória social e cultural da humanidade, para tanto nos deparamos com os problemas que esse profissional enfrenta ao tentar inserir na política de desenvolvimento de uma biblioteca as coleções de obras raras e especiais.

Comecei a pesquisa acreditando que um dia seria possível definir um modelo de desenvolvimento de coleções pragmático para coleções raras e especiais, assim como as bibliotecas universitárias possuem. Entretanto, percebemos que o desenvolvimento de coleções pauta-se, também, na tipologia da biblioteca e manter um acervo de obras raras não adjetiva a biblioteca suficientemente para que esta estabeleça uma política, tendo em vista que a tipologia baseia-se na missão e principalmente nos potenciais usuários da biblioteca.

Passamos a perceber que o tratamento de coleções raras, que não define uma biblioteca especial ou especializada, deveria ser uma nova aba na política de desenvolvimento de coleções e não a sua totalidade, então começa-se a pensar sobre os casos que já identificamos e a discussão desses para

efetivamente propor orientações e diretrizes para refletir sobre os desafios do desenvolvimento de coleções de obras raras na área.

O estudo de campo veio nesse sentido, com o objetivo de analisar o tipo de informações disponíveis nos sites de instituições que lidam com esse tipo de acervo, para livre acesso. Sabemos que bibliotecas disponibilizam em suas *homepages* informações pertinentes ao usuário, mas quando falamos de um acervo tão especial como o de obras raras e sabendo da falta de diálogo sobre esse tema, surge a necessidade de informações desse tipo estarem disponíveis, o que foi observado não ser em um caso. É possível pensar em duas possibilidades: as metodologias de tratamento existem, mas não são disponibilizadas, ou elas sequer existem formalmente.

Propor livre acesso a informações de procedimentos, critérios e políticas de tratamento de acervos raros por parte das bibliotecas trará benefícios, entre eles, podemos citar o fomento ao diálogo desse tema que carece de pragmatização, e a pressão de se constituir uma política formalmente documentada para a credibilização da biblioteca que trata esse tipo de coleção. Um benefício alimentará o outro, já que sugestões de novos padrões podem contribuir para a formação de um guia de tratamento desse tipo de coleção, assim com Vergueiro (1989) fez, seguindo as principais tipologias de bibliotecas e não de coleção.

Essa pesquisa apenas evidencia um problema a ser encarado pela biblioteconomia, como muitos outros. A sociedade da informação continua avançando e a memória segue o mesmo padrão aumentando o seu volume e gerando novos desafios, as coleções de obras raras permaneceram crescendo, seja por temporalidade ou por doações, o que esperamos é que os bibliotecários estejam prontos para lidar com esse acervo, que carrega em si nossa memória.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, R. G.: Who Uses a Library of Rare Books? In: **English Institute Annual**, 1940. New York, 1941, pp. 144-163.

ALDEN, Jhon E. Cataloging and classification. In: ARCHER, H. Richard (ed.). **Rare Book Collections**: some theoretical and practical suggestion for use librarians and students. Chicago: American Library Association, 1965, p. 65-73.

BAEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 438p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARTER, John. **ABC for book-collectors**. 3.ed. London: Rupert Hart-Davis, 1952. 208 p

CARTER, John. **Taste & technique in book collecting**: a study of recent developments in Great Britain and the United States. Cambridge: Cambridge University, 1948.

CARVALHO, Maria Carmem R. de. **Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias**. Fortaleza: Edições UFC, Brasília, ABDF, 1981. 71 p.

CUNHA, Murilo Bastos da.; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet Lemos, 2008.

EVANS, Edward G. **Developing library collections**. Littleton, Libraries Unlimited, 1979.

EVANS, G. Edward. **Developing library and information center collections**. 4.ed. Englewood, Libraries Unlimited, 2000. 595 p. Library and information science text series.

FARIA, Maria Isabel; PERICAO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FEATHER, Jhon. The rare-book librarian and bibliographical scholarship. **Journal of Librarianship**. V. 14, n. 1 p. 30-44. Jan. 1982.

FERRAZ, Wanda. **A biblioteca**. Brasília: Freitas Bastos, 1972

FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras**. São Paulo: Pioneira/INL, 1980.

GALBRAITH, S. K.; SMITH, G. D. **Rare book Librarianship**: an introduction and uide. California: ABC-CLIO, 2012.

GAUZ, Valeria. Educação para bibliotecários de livros raros. Novembro. 2006. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=277. Acesso em 25 de out. de 2018.

GRACE, Kevin. **Archives and rare books library**. 1991. Ohio: University of Cincinnati, 1991.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre biblioteca escolar**, 2002. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em 3 de nov. de 2018.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre biblioteca pública**, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 3 de nov. de 2018.

Magrill, R. M.; Hickey, D. J (eds). **Gift and exchanges**: acquisitions management and collection development in libraries. Chicago: American Library Association, 1984. p. 176 –190.

MAIA, Felícia Assmar. **Direito à memória**: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico. Belém: Movendo Idéias, v8, n.13, jun 2003.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontro com o tempo. 4. ed. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, 2008. 231 p.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontro com o tempo. 4. ed. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, 2008. 231 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

NARDINO, A. T. D.; CAREGNATO, S. E. **O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras**. Em questão, Porto Alegre, v.11, n.2, p.381-407, jul./dez. 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PACANO, Fábio Augusto. **History, Memory and Identify**. Dialogus, Ribeirão Preto, v.1, n.1, 2005.

PENNA, C. V.; FOSKETT, D.J. & SEWELL, P H. **Serviços de informação e biblioteca**. São Paulo, Pioneira; Brasília, INL, 1979, 224p.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica**. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PINHEIRO, Ana Virginia. **A biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas**. Revista de biblioteconomia e comunicação, Porto Alegre: UFRGS, FABICO, v.5, p. 45-60, jan./dez. 1990.

REIFSCHNEIDER, Oto dias Becker. A importância do acesso às obras raras. In: **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, 2008, v.1, n.1, jan./abr. p. 67-76.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. **Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul**. Brasília: Ci. Inf. V. 35, n.1, pp. 115-121, jan/abr. 2006.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para definição de obras raras. **Revista online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3, p1-18, jun 2001.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr. 2012.

SILVA, Sônia T. D. G. da; LANE, Sandra S. Uma política e livros raros numa biblioteca universitária. In: **SIMPÓSIO SOBRE ARQUITETURA DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 2. 1989. Anais do VI seminário nacional sobre bibliotecas universitárias, Belém, Universidade Federal do Pará, 1990 v. 1, p. 120-129.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. Diretrizes. Tipos de bibliotecas, 2016. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/tipos-de-bibliotecas/>. Acesso em 14 de set. de 2018.

Smit, Johanna Wilhelmina. Arquivologia, biblioteconomia e museologia o que agrega estas atividades profissionais e o que os separa. São Paulo, 1999/2000. p. 27-36. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

SOUZA, W. E. R.; CRIPPA, G. **A cidade como lugar de memória**: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. Museologia e patrimônio: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 61-72, jul/dez. 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL [UFRGS]. **Manual SABI**. Disponível em: <https://sabi.ufrgs.br/F?RN=115086896>. Acesso em: 15 set. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989. 96 p. (Coleção Palavra-chave).

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

WEITZEL, S.R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

WEITZEL, S.R. **O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento**: suas origens e desafios. Perspectivas em Ciência da Informação, v.7, n.1, p.61-67, 2002.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, dez. 2012.

ANEXOS

ANEXO A - BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

The screenshot shows the website of the Biblioteca Mário de Andrade. At the top left is the logo of the Prefeitura de São Paulo Cultura. To its right is a search bar with the placeholder text 'Palavra-chave' and a red 'Pesquisar' button. Below the logo is a breadcrumb trail: 'Início > Secretarias > Cultura > BMA'. A vertical menu on the left lists various sections: BMA, HISTÓRIA, EDIFÍCIO, PATRONO, ACERVO, Circulante, Artes, Coleção Geral, Coleção São Paulo, Obras raras e especiais, Mapoteca, and Hemeroteca. The main content area features a large yellow banner with the 'SPPRAVC' logo, followed by a colorful graphic for 'GEORGE ORWELL A REVOLUÇÃO' and '30º Café Literário: George Orwell'. Below this is a 'SERVIÇOS' section with two small images. On the right side, there is a video player titled 'AO VIVO: Vestibular n...' and a section titled 'ACESSO RÁPIDO' with links to 'Fale conosco', 'Conheça os canais de atendimento da Biblioteca Mário de Andrade', 'Sistema Municipal de Bibliotecas', 'Centro Cultural São Paulo', and 'O conjunto de Bibliotecas do CCSP'.

O novo prédio da Biblioteca Mário de Andrade, inaugurado em 1942, possibilitou a criação de diversas seções novas, além da Coleção Geral de livros e dos Periódicos. Em setembro de 1943, Rubens Borba de Moraes iniciou a organização da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade, que foi aberta ao público em julho de 1945. Seu acervo é formado pela reunião de diversas coleções de bibliófilos e pesquisadores, compradas ou doadas ao longo dos anos. As primeiras obras vieram da incorporação do acervo da Biblioteca Pública do Estado (incluindo a Coleção Barão Homem de Mello) e da compra da Coleção Brasileira de Félix Pacheco, em 1936. Foram recebidos também por aquisição ou por doação manuscritos, livros, mapas e obras de arte de grandes colecionadores, como Barão Homem de Mello, Baptista Pereira, Paulo Prado, Pirajá da Silva, Paula Souza, Carvalho Franco, Otto Maria Carpeaux e Paulo Duarte.

A coleção de obras raras conta com mais de 40 mil volumes de livros, 20 mil volumes de periódicos e 10 mil outros documentos, incluindo manuscritos,

álbuns de fotografias originais, gravuras, desenhos, cartões-postais e moedas. Destacam-se, entre suas muitas preciosidades, nove exemplares de incunábulo (livros impressos antes de 1500) e várias obras raras sobre o Brasil, algumas das quais se conhecem poucos exemplares no mundo. Obras de André Thévet, Jean de Léry e Manuel da Nóbrega marcam a presença dos primeiros missionários logo após o descobrimento do Brasil e descrevem os contatos iniciais entre os índios e os europeus. Tentativas de dominação do Brasil nos séculos XVI e XVII estão documentadas em textos e imagens da época, em obras de Barleus, Post e outros autores holandeses, da qual a Seção de Obras Raras Biblioteca conta com um acervo bastante significativo.

Com a proibição por Portugal de entrada de estrangeiros no Brasil, após as descobertas de ouro e diamantes, livros descritivos sobre o Brasil só voltariam a ser produzidos no século XIX, depois da chegada da família real e da criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, em 1808. A abertura dos portos permitiu que viajantes e artistas como Rugendas e Debret, e cientistas como Spix e Martius, descrevessem a natureza brasileira e seus habitantes. A Seção de Obras Raras possui um rico acervo destes livros de viajantes, além dos principais títulos da literatura brasileira e portuguesa até o início do século XX. A coleção de manuscritos inclui desde códices em pergaminho, do século XV, a obras históricas e literárias do século XVIII, com destaque para o Vocabulário na língua brasílica, de 1628, e o Códice Costa Matoso, importante coleção de textos sobre Minas Gerais, de 1749. Para os séculos XIX e XX, temos uma coleção de 50 volumes de Rui Barbosa e a correspondência do Comendador Paula Souza e seu filho, fundador da Escola Politécnica da USP. A Seção de Obras Raras Biblioteca possui também álbuns fotográficos originais dos séculos XIX e XX, como as obras de Marc Ferrez, Militão Azevedo e Washington Luís, entre muitos outros materiais de pesquisa, tais como os primeiros periódicos impressos em São Paulo

Em 1969 foi publicado o Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Municipal, contendo mais de 4.600 títulos das obras mais importantes; um suplemento foi impresso em 1980, com outros 1.200 títulos. Estamos no processo de catalogação on line de todo o acervo, e parte da coleção já foi integralmente digitalizada, podendo ser pesquisada em nosso site.

Destina-se a pesquisadores e requer agendamento prévio.

Lotação:

mesas: 05

cadeiras: 10

Prédio principal - 1º andar

E-mail: rarosbma@prefeitura.sp.gov.br

Tel. (11) 3775-001

Atendimento sob agendamento.

ANEXO B - BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN



A Biblioteca Mindlin na USP

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Foi criada em janeiro de 2005 para abrigar e integrar a coleção brasileira reunida ao longo de mais de oitenta anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita. A coleção foi doada pela família Mindlin à USP em um gesto de extrema generosidade para com a nação. Com o seu expressivo conjunto de livros e manuscritos, a brasileira reunida por Guita e José Mindlin é considerada a mais importante coleção do gênero formada por particulares. São 32,2 mil títulos que correspondem a 60 mil volumes aproximadamente.

Em 2002, o professor István Jancsó, então diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, concebeu, juntamente com José Mindlin, o projeto de construção de um moderno edifício capaz de abrigar as duas importantes coleções brasileiras da USP (a do próprio IEB, fundado em 1962 pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, e a de José e Guita Mindlin). A Biblioteca Mindlin, enquanto instituição da Universidade de São Paulo, foi criada em função desse projeto e a doação do acervo foi confirmada em cerimônia realizada em maio de 2006. A nova sede da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin foi inaugurada em março de 2013.

Parte do acervo doado pertencia ao bibliófilo e bibliotecário Rubens Borba de Moraes, em quem José Mindlin reconhecia “uma espécie de irmão mais velho”, dono de “um amor aos livros e à leitura muito parecido com o meu”. Importante intelectual e o mais destacado estudioso da bibliografia sobre o Brasil, Rubens Borba de Moraes deixou sua biblioteca de 2.300 obras ao casal Mindlin após seu falecimento, em 1986.

Vida entre livros

José Mindlin começa muito cedo sua vida de colecionador de livros raros. Ele tinha apenas 13 anos quando comprou o primeiro livro em razão de sua antiguidade; era uma edição portuguesa de 1740 do “Discurso sobre a História Universal” de Bossuet. Um pouco mais tarde, um presente de seu pai – os seis volumes da “História do Brasil” de Robert Southey, de 1862 – e outro de uma tia – História do Brasil por Frei Vicente do Salvador, com notas por Capistrano de Abreu, de 1918 – fizeram Mindlin decidir-se a reunir livros sobre o Brasil. É o início da formação de uma coleção brasileira, que chegaria a mais de 32 mil títulos.

A paixão duradoura pelo livro e pela leitura fez José Mindlin dedicar toda sua vida à constituição de sua biblioteca. Mas sua contribuição à cultura e à sociedade não se restringiu a isso. Ele também teve atuação destacada nos setores público e privado: foi empresário da indústria metalúrgica, secretário estadual de cultura, ciência e tecnologia (1975) e membro de diversos conselhos, principalmente de instituições culturais. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras de 2006 a 2010, ano de sua morte.

Guita Mindlin partilhou com o colega da Faculdade de Direito e depois marido a paixão pelos livros e, como José, dedicou boa parte de sua vida a eles. Seu principal interesse era a conservação e o restauro de livros. Para ampliar seus conhecimentos sobre o assunto visitou bibliotecas, fez cursos no Brasil, na França, na Espanha e na Alemanha e montou um laboratório dentro de casa com a finalidade de cuidar melhor dos livros da biblioteca do casal. Em 1988, juntamente com Thereza Brandão Teixeira, criou a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER) com o objetivo de reunir profissionais ligados à conservação e ao restauro de livros, a documentos impressos e

manuscritos e à encadernação artesanal. O trabalho de Guita e Tereza são pioneiros no Brasil na área de preservação do patrimônio bibliográfico.

Uma extraordinária coleção sobre o Brasil

A biblioteca formada por José Mindlin ao longo de sua vida estava organizada em quatro principais vertentes temáticas: assuntos brasileiros, literatura em geral, livros de arte, e livros como objeto de arte em virtude de seus traços tipográficos, de sua diagramação, ilustração, encadernação, entre outros aspectos.

O acervo doado à USP em 2006 reúne material sobre o Brasil ou que, tendo sido escrito e/ou publicado por brasileiros, sejam importantes para a compreensão da cultura e história do país. O conjunto é constituído por obras de literatura, de história, relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários, documentos, periódicos, mapas, livros científicos e didáticos, iconografia e livros de artistas. A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin almeja expandir seu acervo - torná-la uma biblioteca viva, conforme os ideais de José Mindlin - adquirindo novos títulos e coleções que dialoguem com as vertentes iniciais do acervo.

Esta Biblioteca, conforme o regimento, tem o compromisso de conservar, divulgar e facilitar o acesso de estudantes, pesquisadores e do público em geral ao acervo, e promover a disseminação de estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos. Neste sentido, ela tem atuado como um centro interdisciplinar de documentação, pesquisa e difusão científica de estudos brasileiros, da cultura do livro, da tecnologia da informação e das humanidades digitais, tornando um órgão de integração de diversas iniciativas acadêmicas, de interesse intersetorial e transdisciplinar.

Desde 2005, quando passou a funcionar, a Biblioteca tem reunido especialistas, sediado projetos e apoiado iniciativas de estudos, desenvolvendo atividades em torno de quatro campos do saber: 1) Estudos Brasileiros; 2) História do Livro e da Leitura; 3) Tecnologia do Conhecimento e Humanidades Digitais; e 4) Preservação, conservação e restauração do livro e do papel

O edifício

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin está instalada em um dos blocos do recentemente inaugurado edifício no coração da Cidade Universitária, em São Paulo. O projeto de arquitetura foi desenvolvido pelos escritórios de Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb, com a assessoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. O edifício foi inspirado em conceituadas bibliotecas de outros países, como a Beinecke Rare Book & Manuscript Library (Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros), da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e a Biblioteca Sainte-Geneviève, de Paris, na França. A Library of Congress (Biblioteca do Congresso), de Washington, foi consultada para definir diretrizes de conservação das obras.

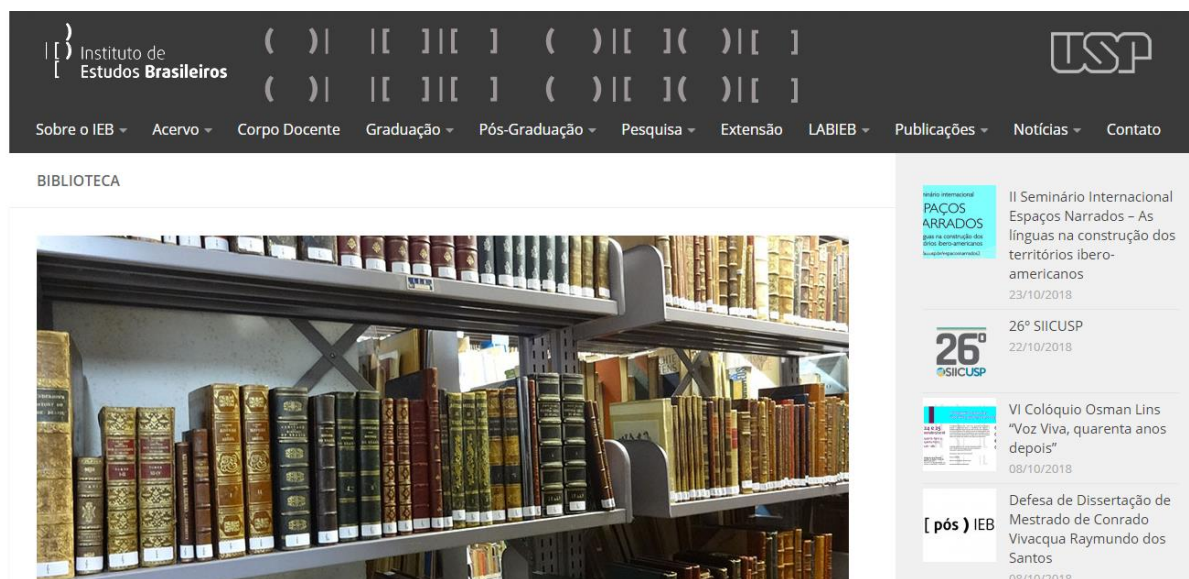
Além de abrigar a BBM, o edifício do Complexo Brasileira USP abriga o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), a Livraria da Edusp e o Auditório István Jancsó (com capacidade para 300 pessoas), e conta com salas de aula e salas de exposição. O complexo contará ainda com cafeteria no mezzanino da Livraria da Edusp. O projeto levou em conta, ainda, elementos sustentáveis. A estrutura do prédio prioriza a entrada de luz natural, promovendo economia de energia, além de possuir células fotoelétricas instaladas para a captação da energia solar, uma das melhores formas de produção de energia limpa.

Além dos recursos orçamentários da USP, a construção do edifício contou com o apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Lampadia, do Programa de Ação (Proac) da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, do Senador Eduardo M. Suplicy e do BNDES, e com o patrocínio (por meio da Lei Rouanet) da Petrobras, CBMM, CSN, Fundação Telefonica, Suzano Papel e Celulose, Fundação Votorantim, Grupo Santander, Natura, CPFL, Cosan e Raizen. O Gerenciamento da obra foi de responsabilidade da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (FUSP), em parceria com a Superintendência do Espaço Físico (SEF) da USP.

E-Mail: bbm@usp.br

Tel: 2648-0310

ANEXO C - BIBLIOTECA DO IEB (INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS)



A Biblioteca do IEB é considerada hoje uma das mais ricas em assuntos brasileiros, aproximando-se dos 180 mil volumes, incluindo livros, separatas, teses, periódicos e partituras. Dentre as raridades, estão obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como muitas com dedicatória e marginália. Sua origem remonta à famosa Brasileira do historiador paulista Yan de Almeida Prado, comprada pela USP em 1962. Desde então, por compra ou doação, a Biblioteca vem recebendo novas coleções, mantidas em sua unidade, com os nomes de seus antigos proprietários.

A Biblioteca possui ainda uma Coleção Geral, composta de doações, permutas e compras. Merece também destaque o conjunto de revistas raras.

O acervo pode ser acessado através do Dedalus. As obras digitalizadas podem ser visualizadas na Biblioteca Digital.

Orientação para o uso do acervo

As consultas ao acervo devem ser agendadas pelo e-mail: bibieb@usp.br.

O atendimento é realizado das 14h às 17h30, no prédio antigo do IEB, localizado à Av. Prof. Mello Moraes, trav. 8, n.140.

As obras solicitadas são consultadas no local, pois, devido às suas características peculiares, o acervo não é de livre acesso e nem circulante, não havendo empréstimo entre bibliotecas.

Serviços oferecidos

Orientação ao usuário – assistência e orientação quanto ao uso dos recursos da Biblioteca

Consulta local.

Acesso ao Banco de Dados Bibliográficos da USP (DEDALUS)

Acesso a bases de dados e documentos eletrônicos.

Comutação bibliográfica nacional e internacional.

Normalização bibliográfica.

Visitas didática e técnica (mediante agendamento e disponibilidade)

Apoio aos alunos de Pós-Graduação:

A Biblioteca oferece o serviço de elaboração de ficha catalográfica para dissertações e teses a serem defendidas no IEB.

Para isso, basta preencher o formulário e entregá-lo na Biblioteca, assinado pelo aluno e pelo orientador, juntamente com um resumo do trabalho. É possível também enviar cópia digital para o e-mail: bibieb@usp.br

A ficha é enviada para o e-mail indicado no formulário no prazo de até 3 (três) dias úteis.

Manual para elaboração de teses e dissertações na USP – ABNT

Empréstimo de livros:

Os alunos, docentes e funcionários com vínculo ativo do IEB podem emprestar livros nas bibliotecas de outras unidades da USP mediante apresentação do Cartão USP.

Contato

+ 55 11 2648-1353

bibieb@usp.br

ANEXO D - BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ (BCG)



Acervo

Acervo Geral

O acervo é composto por livros da coleção geral; publicações periódicas; TCC's, teses e dissertações; catálogos de artes; partituras; obras de referência; multimídia. O acesso aos registros dos materiais em meio físico (impresso) podem ser feitas através do Catálogo Online do Sistema de Bibliotecas da UFF - Pergamum(link is external).

Obras Raras e Coleções Especiais

O acervo de obras raras/antigas da BCG possui importantes obras dos séculos XVII, XVIII e XIX, e as coleções especiais possuem obras de caráter:

Temático: Coleção Estudos Americanos; Coleção Estudos Galegos; Coleção do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI); Coleção Projeto RESGATE;

Particular: Coleção Alair Gomes; Coleção Maria Jacintha; Coleção Ismael Coutinho; Coleção Bezerra de Menezes; Coleção Bárbara Levy; e Coleção Lydia Podorolski.

Periódicos Impressos

As coleções de periódicos da BCG são de caráter científico, técnico ou geral, e os assuntos pertinentes às áreas de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

O Acervo é composto aproximadamente de 2.700 títulos, 1.000 periódicos avulsos, 800 periódicos de referência, recebidos através de assinaturas, doação e permuta.

A coleção de periódicos técnico-científicos está agrupada nas estantes por área, visando facilitar o acesso pelos usuários dos diversos cursos que a BCG atende. Dentro de cada área, os periódicos são arquivados em ordem alfabética de título. Podem ser consultados diretamente no 3º piso da BCG, relação das áreas:

Ciência da Informação

Ciências Humanas: Filosofia – Psicologia – Religião

Ciências Sociais e Humanas

Serviço Social

Língua e Literatura

Educação/Educação Física

Artes/Comunicação Social

História

Multidisciplinar

Conteúdos Eletrônicos

Bases de livros eletrônicos (e-books) disponíveis para download e/ou para leitura via Internet; bases de periódicos eletrônicos; bases de documentos eletrônicos; bases de documentos acadêmicos tais como teses e dissertações; bases com conteúdos mistos contendo livros, artigos de periódicos, imagens e vídeos, estatísticas; dentre outros, de uso exclusivo da comunidade Acadêmica da UFF e outras fontes de pesquisa mapeadas, que são de acesso livre na Internet.

Estrutura física

Área física – 7.251,07m² distribuídos em 4 andares. Destina 284m² de sua área para uso de seus leitores com as seguintes instalações:

Dois salões para estudo individual;

Espaço para estudo com o próprio material;

Espaço Cultural(link is external);

Sala com acervo multimídia;

Sala de obras raras e coleções especiais;

Laboratório de pesquisas acadêmico-científicas;

04 cabines para estudo em grupo;

190 assentos para estudo individual;

Espaço Acessível, para atendimento às pessoas com necessidades especiais;

Oficina de Pequenos Reparos para a Conservação do Acervo.

Térreo – Superintendência de Documentação – SDC, responsável pela Coordenação Técnica e Administrativa do Sistema de Bibliotecas e Arquivos da UFF; Serviço de Aquisição e Intercâmbio; Espaço multiuso; Jardim de inverno.


1º andar – Hall de entrada; Guarda-volumes para bolsas, mochilas, e outros; área de estudo livre com mesas e cadeiras; administração onde estão localizadas as salas da Chefia e Secretaria; Serviço de Empréstimo; Serviço de reprografia digital; Programa de capacitação de usuário; COMUT; Serviço de Marketing e Cultura; Espaço Acessível; Espaço Cultural; Setor de Coleções Especiais e Obras Raras; Oficina de pequenos reparos para a conservação do acervo; Centro de Memória Fluminense.

2º andar – Área do acervo de livros e obras de referência; terminais de consulta para acesso ao Catálogo online; Serviço de Referência e atendimento ao usuário; Serviço de elaboração de Ficha Catalográfica; sala de Processamento Técnico de livros; espaço Multimídia e Coleção Lydia Podorolski; áreas para estudo individual com mesas e cadeiras; Catálogo em fichas.



3º andar – Área do acervo de publicações periódicas e trabalhos acadêmicos; Serviço de Referência e atendimento ao usuário; sala de Processamento Técnico de materiais digitais; áreas para estudo individual com

mesas e cadeiras; salas para estudo em grupo; Laboratório de pesquisas acadêmico-científicas.

ANEXO E - BIBLIOTECA CENTRAL CESAR LATTES



BCCL Biblioteca Central Cesar Lattes

Campinas-SP, quarta-feira, 31 de Outubro de 2018.

Principal	BCCL - Equipe	ÁREA	NOME	RAMAL
Coleções Especiais e Obras Raras		Coordenadora	Regiane Alcântara Eliel	3521-6502
SBU		Coordenadora Associada	Valéria dos S. G. Martins	3521-6505
Sobre a Biblioteca		Diretoria de Difusão da Informação	Maria Helena Segnorelli	3521-6473
Regulamento		Seção de Desenvolvimento de Coleção	Aida Tenório Coelho A. Godoi	3521-6488
BCCL - Equipe		Preparação Técnica	Valdemir Cherubin da Silva	3521-6488
Laboratório de Acessibilidade		Seção de Serviços ao Público	Maria Helena Segnorelli	3521-6473
Serviços		Laboratório de Acessibilidade	Deise Tallarico Pupo	3521-6487
EEB / Computação		Referência	Felipe Alves da Silva	3521-6486
Fator de Impacto de Periódicos		Referência	Fernanda Landim Kruth	3521-6486
Capacitação de Usuários		Referência	Roberto Orlando Pereira	3521-6486
Sugestão para Compra de Livros		Referência	Tereza Cristina Rosa	3521-6486
Últimas Aquisições para BCCL		Referência	Valdemir Vilela dos Reis	3521-6486
CSA		Referência	Elisângela de Moura	3521-6486
Bibliotecas do Sistema		Circulante	Izabel Tomázio de Oliveira	3521-6484
Cesar Lattes		Circulante	Marco Antônio de Paula	3521-6484
Câmbio		Circulante	Maria Edna Inácio da Silva	3521-6484
Fale Conosco		Circulante	Maria Helena Bastos	3521-6484
		Circulante	Paulo de Tarso Bispo	3521-6484
		Circulante	Roberto Francisco da Silva	3521-6484
		Circulante	Umberto de Amorim Rodrigues	3521-6484

[Busca Integrada](#)

[Compartilhar / Salvar](#)

BCCL - Coleções Especiais e Obras Raras - Equipe

ÁREA	NOME	RAMAL
Diretoria de Coleções Especiais e Obras Raras	Tereza C. O. N. de Carvalho	3521-6484
Conservação	Aldes Rodrigues Machado	3521-6467
Conservação	Aparecido D. F. da Paciência	3521-6467
Administração	Célia Aparecida Rodrigues	3521-6465
Conservação	Gilberto Tadeu de O. da Silva	3521-6467
Conservação	Jair Aparecido Calixto <->/a	3521-6467
Conservação	Jacqueline Françoise Bressan Neptune	3521-6465
Biblioteca Cicognara		3521-6465
Conservação	José Silva de Sousa	3521-6467
Coleção de Obras Raras	Marta Regina da S. R. do Val	3521-6468

iDicionário Aulete

Digite abaixo a palavra desejada e em seguida aperte a tecla enter:

© SBU - Tecnologia da Informação - 1997-2006 - Todos os direitos reservados. Melhor visualização 800x600.

A Biblioteca Central Cesar Lattes, da Unicamp, foi criada em 11 de junho de 1989, como órgão complementar da Universidade, através da "Deliberação CONSU A-38/89". É uma biblioteca integrante do Sistema de Bibliotecas da Unicamp e atua em conjunto com as bibliotecas seccionais, como fonte de referência e provedora de informação para os cursos de graduação, pós-graduação e de extensão da Universidade, atendendo diretamente a toda a comunidade interna da Universidade e pesquisadores no Brasil e exterior.

A BCCL faz parte do Sistema de Bibliotecas da Unicamp, sendo uma das 24 Bibliotecas Seccionais que compõem o Sistema, que é constituído por Órgão Colegiado, Bibliotecas Seccionais e Comissões de Biblioteca.

Utilizam-se dos serviços oferecidos pela Biblioteca, Docentes, Pesquisadores, Alunos de Graduação, Pós-Graduação, Especialização e Extensão, Tecnólogos, Estagiários e Funcionários UNICAMP, com direito a consulta e empréstimo domiciliar, sendo facultada ao público em geral a consulta local de todo tipo de material bibliográfico.

Para atender à demanda, a BCCL conta com área reservada para acervo, estudo, pesquisa em banco de dados eletrônicos, depósito e administração. Está equipada com 27 novos computadores Pentium 4,

conectados à rede Linux de alta velocidade, cuja configuração é contemplada com a tecnologia sem fio (sistema wireless), permitindo o acesso a Internet, disponíveis em tempo integral para acesso a sites de pesquisa, como os referenciais e bases de dados de texto completo.


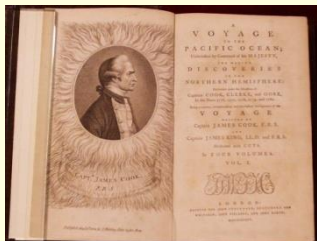
A circulação diária no prédio da BCCL é de aproximadamente 2000 pessoas, entre alunos de graduação e de pós-graduação, docentes, funcionários da Universidade, pesquisadores, bem como usuários externos.

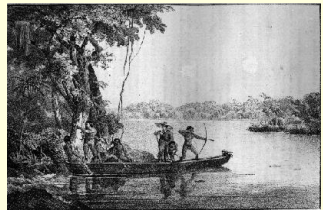
Com seu patrimônio, a Biblioteca Central desempenha papel de destaque no apoio ao ensino e a pesquisa, além de atender à demanda regional, sendo procurada, sistematicamente, pela comunidade científica brasileira e internacional.

Oferece serviços de consulta local; empréstimo domiciliar; devolução 24h; acesso à Internet; acesso ao catálogo automatizado do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP, Base Acervus, englobando livros, teses, dissertações e títulos de periódicos com suas respectivas coleções; comutação bibliográfica on-line, utilizando os sistemas da BIREME-SCAD, IBICT-COMUT e BRITISH LIBRARY, através de e-mail e software Próspero, além de correio; Programa de Capacitação de Usuários (cursos e palestras); levantamento bibliográfico na Base Acervus e nas Bases referenciais; diretrizes para elaboração de trabalhos científicos e normalização bibliográfica; acesso a bases de dados referenciais; acesso a títulos de periódicos eletrônicos com texto integral; acesso à Biblioteca Digital da UNICAMP; empréstimo entre bibliotecas; revisão e orientação quanto às normas para apresentação de teses na Unicamp; busca e uso da informação no Sistema de Bibliotecas da UNICAMP; pesquisa e acesso à informação, etc.; programação para visitantes provindos da própria Universidade, assim como de outras instituições.

A Coleção de Obras Raras abriga obras dos séculos XV ao XX, que dificilmente são encontradas em outras bibliotecas ou arquivos. O tema principal dessa coleção é a Brasileira, livros sobre o Brasil, escritos por viajantes dos séculos XVI ao XIX, e livros escritos nos períodos colonial e imperial, obras de grande interesse para a pesquisa histórica, econômica, política, de costumes, de história natural, etc. As coleções de intelectuais formam fundos bibliográficos, através das anotações manuscritas de seus

exemplares, o que tem dado subsídios para pesquisas de interesse da Universidade, resultando em teses, artigos, publicação de livros, etc.

SÉCULO XV	1 obra		Cantos Gregorianos (manuscrito em pergaminho, ilustrado com iluminuras)
SÉCULO XVI	14 obras		Brasiliana: histórias de Missões de jesuítas. Expedições científicas: história natural. Guerra com os holandeses. Conquistas e descobertas. Curiosidades.
SÉCULO XVII	54 obras		Brasiliana: histórias de Missões de jesuítas. Expedições científicas: história natural. Guerra com os holandeses. Conquistas e descobertas. Curiosidades.
SÉCULO XVIII	83 obra		Brasiliana: jesuítas, pirataria, história e política, colonização, literatura. História natural. Coleções e viagens. Conquistas e descobertas.
SÉCULO XIX	1.500 obras		Brasiliana: narrativas de viagens, expedições científicas, exploração e corografia das províncias. História: monarquia, rebeliões, abolição da escravatura, imigração, república, guerra do Paraguai.

		<p>Questões de limites. História natural: indígenas. Política: relatórios presidenciais de São Paulo, gramática, almanaques, periódicos.</p> <p>América Latina: obras citadas em repertórios.</p>
SÉCULO XX	2.500 Obras	<p>Brasileira. Outros temas. Tiragens reduzidas, edições esgotadas.</p> <p>Fundo Bibliográfico Alexandre Eulálio - (Em seleção) volumes com a produção intelectual do autor, livros com anotações e dedicatórias.</p> <p>Fundo bibliográfico Antonio Candido - 800 volumes com a produção intelectual do autor, livros com anotações e dedicatórias.</p>
<p>Critérios de raridade para materiais impressos:</p> <p>Incunáveis</p> <p>Materiais impressos até 1720</p> <p>Materiais impressos na América Latina até 1835</p> <p>Materiais impressos no Brasil até 1841</p> <p>Originais</p> <p>Obras esgotadas</p> <p>Primeiras edições de autores literários renomados</p> <p>Edições especiais, reduzidas, clandestinas, distribuídas pelo autor, privativas</p> <p>Exemplares especiais, com marcas de propriedade, anotações manuscritas e/ou dedicatórias de pessoas célebres</p>		<p>Estão incluídos na Coleção de Obras Raras:</p> <p>Porta-fólios com lâminas soltas</p> <p>Miniaturas</p> <p>Folhetos e panfletos até 1920</p> <p>Materiais impressos na América Latina de 1836 até 100 anos antes do ano corrente</p> <p>Materiais impressos no Brasil, de 1841 até 100 anos antes do ano corrente</p> <p>Materiais impressos de movimentos literários ou políticos</p> <p>Obras e edições citadas em repertórios adotados</p>

Processamento técnico de obras raras

Inventário

A metodologia de inventário de acervo antigo está fundamentada, basicamente, nas regras de referenciação bibliográfica, consagradas internacionalmente por bibliógrafos e bibliófilos, adotadas inicialmente pelo GESAMTKATALOG DER WIEGENDRUCKE.

A Coleção de Obras Raras tem todo o seu acervo dos séculos XVI, XVII e XVIII inventariados, com pesquisa de citação e descrição de edições e exemplares.

Pesquisa de raridade

Análise segundo critérios adotados e busca de citações em repertórios de obras raras.

Os principais repertórios adotados são Sacramento Blake, Inocencio, Graesse, Brunet, José Carlos Rodrigues, José Honório Rodrigues, e outros.

Catálogo de obras raras

É adotado o código AACR2, com notas descritivas, notas de preservação e reformatação e termos relatores, complementado pelos manuais DCRB - Descriptive Cataloging of Rare Books (1991) , Descriptive Cataloging of e DCRS - Descriptive Cataloging of Rare Serials.

ANEXO F - BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL



Biblioteca Central

Situada na Cidade Universitária, em Caxias do Sul, ocupando um espaço de 4.532 m² de área construída, a Biblioteca Central dispõe de moderna infraestrutura associada às mais avançadas fontes de pesquisa, constituindo-se em importante suporte informacional às atividades acadêmicas de estudo e pesquisa, inerentes à própria missão da Universidade.

O papel de gerenciamento do Sistema de Bibliotecas é realizado pela Biblioteca Central. Como um dos mais importantes órgãos de apoio às atividades acadêmicas, a Biblioteca Central é também um importante espaço acadêmico, que privilegia a informação e a cultura e por onde circulam diariamente cerca de 2 mil pessoas, em sua maioria alunos e professores.

Sistema de Bibliotecas

O Sistema de Bibliotecas é composto por 11 bibliotecas, integradas e coordenadas pela Biblioteca Central.

É desenvolvido programa de visitas orientadas, mensais, de bibliotecários designados pela Biblioteca Central para acompanhar e orientar o funcionamento de cada biblioteca.

O Sistema de Bibliotecas é gerenciado pela Coordenadora Administrativa e bibliotecária Michele Marques Baptista.

Obras raras

Todo o acervo de coleções especiais é fruto de doações e compras e inclui obras das mais diversas áreas do conhecimento. Contabiliza cerca de 30.000 títulos (aproximadamente 48.000 exemplares), entre livros, folhetos, teses, publicações periódicas, manuscritos e exemplares raros, distribuídos em quatorze coleções especiais: <https://www.ucs.br/site/biblioteca/biblioteca-central/colecoes-especiais-e-obras-raras/>

Horário de atendimento

De segunda a sexta, das 7h45min às 22h40min, e aos sábados, das 7h45min às 19h.

Telefone: (54) 3218-2173

ANEXO G - BIBLIOTECA NACIONAL



Acervos

O acervo da Biblioteca Nacional está dividido em: Cartografia, Iconografia, Manuscritos, Música e Arquivos Sonoros, Obras Gerais, Obras Raras, Periódicos, Obras de Referência e Coleções.

Obras Raras

O Acervo Especial de Obras Raras é constituído de material diversificado, oriundo de diversas coleções da própria Biblioteca Nacional, de acordo com dois critérios principais de seleção: raridade e preciosidade. Ou seja, não basta que a obra seja antiga, é preciso também que seja única, inédita, faça parte de alguma edição especial ou apresente algum traço de distinção, como uma encadernação de luxo ou o autógrafo de uma celebridade – como D. Pedro II, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade ou Jorge Amado. Integram também esse acervo periódicos raros publicados até o século XIX.

Raridade e preciosidade são os dois critérios principais que caracterizam as peças do acervo de Obras Raras, oriundas de diversas coleções da própria Biblioteca Nacional. Para integrar este conjunto, não basta que a obra seja antiga, é preciso também que seja única, inédita, faça parte de alguma edição

especial ou apresente algum traço de distinção. Pode ser uma encadernação de luxo ou o autógrafo de uma celebridade como D. Pedro II, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade ou Jorge Amado. Periódicos raros publicados até o século XIX também compõem esse acervo.

Esta preciosa coleção encanta os visitantes com suas peças do século XV ao século XX, entre as quais se destacam os primeiros documentos gerados pelo processo de impressão por tipos móveis, os 'incunábulos'. Com frequência, o público também pode apreciar exposições que mostram exemplares raros deste rico acervo. A montagem dessas mostras tem também o propósito de despertar o sentimento de pertencimento na população, ao perceber o valor deste patrimônio que o Brasil possui.

Ao todo, são mais de dois mil metros lineares de itens em estantes, gavetas e cofres, abrigados em um espaço que, por guardar esse rico tesouro, é considerado uma sala-cofre. O local ganhou o nome de seu patrono, João Antônio Marques, bibliófilo fluminense residente em Portugal, que doou sua valiosa coleção de 'incunábulos', edições princeps, camonianas e outros impressos e manuscritos relativos ao período colonial.

Obras originárias de diferentes nações são preservadas de acordo com:

A grandeza de sua Brasiliana (livros sobre o Brasil, impressos ou gravados entre os séculos XVI e XIX, e livros de autores brasileiros impressos ou gravados no estrangeiro até 1808).

A recorrência de "incunábulos" brasileiros.

O caráter intelectual e histórico de seus títulos.

A riqueza material de suportes (couros, pergaminhos, madeiras, papéis de trapo e de madeira, sedas, veludos e tafetás).

Preciosidades

Pergaminho datado do século XI com manuscritos em grego sobre os quatro Evangelhos, o exemplar mais antigo da Biblioteca Nacional e da América Latina.

A Bíblia de Mogúncia, de 1462, primeira obra impressa a conter informações como data, lugar de impressão e os nomes dos impressores, os alemães Johann Fust e Peter Schoffer, ex-sócios de Gutemberg.

A crônica de Nuremberg, de 1493, considerado o livro mais ilustrado do século XV, com mapas xilogravados tidos como os mais antigos em livro impresso.

Bíblia Poliglota de Antuérpia, de 1569, Obra monumental do mais renomado impressor do século XVI: Cristóvão Plantin.

A primeira edição de “Os Lusíadas”, de 1572.

A primeira edição da “Arte da gramática da língua portuguesa”, escrita pelo Padre José de Anchieta em 1595.

O “Rerum per octennium...Brasília”, de Baerle (1647), com 55 pranchas a cores desenhadas por Frans Post.

Exemplar completo da famosa Encyclopédie Française, uma das obras de referência para a Revolução Francesa.

O primeiro jornal impresso do mundo, datado de 1601.

Exemplar único e considerado raríssimo do livro publicado em 1605 pelo autor Hrabanus Maurus, que criou o caça-palavras em forma de poesia visual.

Obras Raras

Endereço

Fundação Biblioteca Nacional

Av. Rio Branco, 219

3º andar

Centro

Rio de Janeiro, RJ

CEP:

20040-008

Telefone

+55 (21) 2220-1726

Email: diora@bn.gov.br

Funcionamento

segunda a sexta, de 10h às 18h

solicitação de consulta até meia hora antes do fechamento

devolução de obras até 10 minutos antes do fechamento